

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**

**Ilse Ana Piva Paim**

**CATADORES DE SONHOS:  
UMA ABORDAGEM EDUCATIVA SENSÍVEL**

**Passo Fundo**

**2010**

**Ilse Ana Piva Paim**

**CATADORES DE SONHOS:  
UMA ABORDAGEM EDUCATIVA SENSÍVEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação de Passo Fundo, da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Graciela René Ormezzano.

**Passo Fundo**

**2010**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus;

Aos meus pais;

Ao meu esposo Roberto;

Aos meus filhos Roberto, Juliana e Gabriela;

Aos Professores;

A minha orientadora, por me aportar caminhos facilitadores;

A Maris, por catar, acreditar e mostrar a luz no fim do túnel;

A Cris, por leituras que fazem pintura;

A Tânia, por ter estado lá quando eu os encontrei;

Aos Catadores, por eu aprender com eles o quanto tenho de aprender...

## CATADORES DE SONHOS

*Ilse Ana Piva Paim*

*O som mágico de cavalos cansados, passos rasgados, carroças puxadas...  
A visão nítida de rostos queimados, braços esticados, carretas levadas, fez com que me aproximasse de vocês.  
Catadores de papel, colecionadores de restos, bagagem de dejetos.  
Quanto caos e também quanta luz!  
O encanto não sumiu com o meu pranto...  
O encontro não abafou meu grito de espanto.  
Meu pranto não faz desaparecer o encanto que experimento ao encontrá-los.  
Pelos ruas andam empurrando seus carros, seus medos, exorcizando a miséria.  
Sinto que em cada rosto encontrado, há um apelo que parte de mim há uma necessidade maior de apontar, mostrar as impossibilidades de opções...  
Eles não percebem...  
Eles nada podem fazer...  
E nós?  
Muitos são, pouco tem e carregam fardos de nossas vidas.  
O excesso de nosso cotidiano. A sobra de toda uma sociedade.  
Muito vi, muito aprendi e sei que muito vou deixar.  
Registro um mundo de impossibilidades, janelas fechadas e portas cerradas! A quem compete descerrar? Passiva não posso permanecer!  
Meu grito é expresso em cores e rostos, meu apelo são ícones do cotidiano, minha mensagem é por mais vida...  
Em tantas caras, muitos gestos surgem vocês, catadores excluídos!  
Meu pincel conduz linhas, formas e sentimentos. Minha obra traduz a esperança que sinto de incluí-los no meu mundo onde é permitido sonhar...  
No universo onde se permite conhecer e optar.  
Aprendi em trôpegos passos que o melhor olhar é o do sentir...  
Como não ver imagens tão fortes, vividos momentos, pacto travado, registro fixado...  
Perambulam ávidos em toscos carros, ilusões...  
Catam.  
Papel.  
Papelão.  
Plástico.  
Fracos.  
Fardos.  
Fatos.  
Traduzem em sua caminhada anseios, devaneios e sonhos.*

*"Gostaria de ter o poder de encher-lhes o coração da curiosidade sagrada que tornam nossa existência interessante".*

*(LOON, 1958)*

*"Vivemos imersos e apoiados num enorme desconhecido que é a realidade que, em nossa vã ignorância, julgamos conhecer".*

*(GAMBINI, 1999)*



## RESUMO

Este trabalho investiga a série de pinturas “Catadores de Sonhos” e faz parte da linha de pesquisa Processos Educativos e Linguagem. O problema desta investigação foi: qual o significado da série de pinturas “Catadores de Sonhos” para a comunidade de Carazinho/RS? Também, de que modo as imagens promoveram conhecimento? É possível sensibilizar a comunidade através das imagens? Que processos educativos estéticos foram provocados pelas pinturas? Com base nessas questões, o objetivo geral foi investigar o significado da série “Catadores de Sonhos” para a comunidade de Carazinho/RS. Um dos autores principais que fundamentaram o trabalho foi João-Francisco Duarte Júnior. De natureza qualitativa, este estudo utilizou-se do método autoetnográfico (VERSIANI, 2005) e da pesquisa documental (GIL, 1994). Para a leitura de imagens, empregou-se a metodologia de Ott (1997). Assim, chegou-se à categorização das informações que mostram a importância da arte como um território de produção de conhecimento, que permite a educação do sensível através de imagens e promove a educação estética e socioambiental. Conclui-se que a série de dez obras pintadas proporcionou elementos para uma educação voltada à cidadania pelo recurso a uma estética do lixo que, por sua vez, pode provocar a educação do sensível.

**Palavras-chave:** Artes visuais. Leitura de imagens. Educação do sensível. Educação estética.

## ABSTRACT

This paper investigates the series of paintings "Collectors of Dreams" and is part of the research in Educative Processes and Language. The problem of this research was: what does "Collectors of Dreams" series represent to Carazinho's community? Also, how the images promoted knowledge? Is it possible to sensitize the community through the images? Which Educational processes were triggered by the aesthetic paintings? Based on these questions, the general objective was to investigate the significance of the series "Collectors of Dreams" to Carazinho's community. One of the main authors which motivated the work was João-Francisco Duarte Júnior. Qualitative in nature, this study used the method auto-ethnographic (VERSIANI, 2005) and desk research (GIL, 1994). For reading images, employed the methodology of Ott (1997). Thus, it was categorization of information showing the importance of art as a territory of knowledge production, which allows sensitive education through images and promotes the aesthetic and environmental education. It is concluded that the series of ten works painted provided elements for an education geared to citizenship by recourse to an aesthetic of garbage, which in turn can cause sensitive education.

**Keywords:** Visual Arts. Reading images. Sensitive education. Aesthetic education.

## LISTA DE PINTURAS

<b>Pintura 01</b> – Cena urbana .....	<b>43</b>
<b>Pintura 02</b> – Sócios traídos .....	<b>45</b>
<b>Pintura 03</b> – Muitos são.....	<b>47</b>
<b>Pintura 04</b> – Ambientalistas do cotidiano .....	<b>49</b>
<b>Pintura 05</b> – Catador de sonhos.....	<b>51</b>
<b>Pintura 06</b> – Trono de papel.....	<b>53</b>
<b>Pintura 07</b> – Raio de sol .....	<b>55</b>
<b>Pintura 08</b> – Meio dia .....	<b>57</b>
<b>Pintura 09</b> – Burro sem rabo .....	<b>58</b>
<b>Pintura 10</b> – Domingo.....	<b>60</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1 ALGUMAS IDEIAS SOBRE ARTE, EDUCAÇÃO E ECOLOGIA</b> .....	<b>15</b>
1.1 Educação do sensível .....	20
1.2 Ecologia .....	25
<b>2 RECURSOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>31</b>
<b>3 A PRODUÇÃO ARTÍSTICA</b> .....	<b>37</b>
3.1 Cena urbana.....	41
3.2 Sócios traídos.....	44
3.3 Muitos são.....	46
3.4 Ambientalistas do cotidiano.....	48
3.5 Catador de sonhos .....	50
3.6 Trono de papel.....	53
3.7 Raio de sol .....	54
3.8 Meio dia.....	56
3.9 Burro sem rabo.....	58
3.10 Domingo.....	60
<b>4 EDUCAR ATRAVÉS DE IMAGENS</b> .....	<b>63</b>
4.1 Promoção de conhecimento .....	63
4.2 Educação do sensível através de imagens.....	69
4.3 Educação estética e socioambientais .....	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>81</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>86</b>
ANEXO A – Lixo reciclável .....	87
ANEXO B – Catadores de sonhos.....	89
ANEXO C – Editorial Revista Ecos de Família .....	90
ANEXO D – Voluntária pela educação e cultura .....	91
ANEXO E – Ofício Associação Catadores de Sonhos de Carazinho .....	92
ANEXO F – Zoom: Lição de educação ambiental.....	93
ANEXO G – “Catadores de sonhos”: a arte por trás do lixo .....	94
ANEXO H – O martírio pela sobrevivência.....	95

<b>ANEXO I – Capa livro Sheila Kocourek .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO J – Introdução: Sheila Kocourek.....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO K – Agradecimentos: Sheila Kocourek.....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXO L – Considerações finais: Sheila Kocourek .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO M – Atestado .....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO N – Desfile 07 de setembro .....</b>	<b>104</b>

## INTRODUÇÃO

Falar de sentimentos, emoções e, antes de tudo, arte, foi a tônica deste trabalho. Antes de mostrar sua função material por onde olhares sensíveis vão fruir a poesia das imagens, proposta no título, observa-se que é um produto cultural pelo qual se descortinam vivências e saberes de uma classe relevante de nosso povo. Por essa perspectiva, as poesias pictóricas de minha série de quadros “Catadores de Sonhos” vão mostrar os caminhos percorridos desde a sua trajetória de criação, sua repercussão educacional e socioambiental em Carazinho e região.

Carazinho é um município brasileiro localizado ao norte do estado do Rio Grande do Sul, estando a uma altitude de 603 metros. Sua população estimada em 2008 era de 60.182 habitantes. Se destaca por ser o município que tinha o maior entroncamento rodoviário do sul do Brasil e, ainda, tem a maior cancha reta da América Latina. É, também, conhecida como a "capital do galetto com massa", pois, a fim de ajudar entidades carentes, a comunidade se alia e realiza estes eventos filantrópicos. Carazinho é uma cidade que tem como economia uma predominância agrícola, uma crescente industrialização e um comércio pujante (PREFEITURA..., 2010).

Como artista plástica, tenho realizado muitas incursões no universo criador. Várias séries criadas utilizam a temática oriunda do social. Como professora universitária dos cursos de Design e Pedagogia, oriento meus partícipes a verem além da razão, a buscarem em todo saber o sensível que ali se encontra. Como proprietária e *marchand* da “d’Arte Galeria”, tenho proporcionado exposições de obras, aportado encontros culturais e lançamento de livros, uma vez que a galeria tornou-se referência estadual.

O presente trabalho tem como finalidade realizar uma pesquisa, com base nas pinturas da série “Catadores de Sonhos”, produzidas por mim, em 2002. O problema desta investigação é: Qual o significado da série de pinturas “Catadores de Sonhos” para a comunidade de Carazinho? Este problema pode abrir-se para as seguintes questões de pesquisa: De que modo as imagens promoveram conhecimento? É possível sensibilizar a comunidade através das imagens? Que processos educativos estéticos foram provocados pelas pinturas?

Com base nestas questões, o objetivo geral visa investigar o significado da série “Catadores de Sonhos” para a comunidade de Carazinho. Os objetivos específicos são: observar a maneira com que as imagens vistas provocaram conhecimento; verificar a possibilidade de sensibilizar pelas imagens; e, compreender os processos educativos estéticos provocados pelas pinturas.

Justifico a importância desta pesquisa, pela leitura de imagens, na educação informal e não-formal, pois o público que apreciou a série “*Catadores de Sonhos*” realizou inúmeros depoimentos inéditos e publicados, que levaram a pensar nesta estratégia como uma possibilidade de convívio mais ecológico, de reflexões sobre uma economia sustentável e de outras formas de desenvolver a sensibilidade e a aprendizagem para a vida.

Para execução deste trabalho optei pela pesquisa qualitativa, por ser mais subjetiva, onde, aliada à pesquisa documental, utilizei o método de autoetnografia, por minha situação de pesquisadora, autora da obra e educadora, usando minha práxis como instrumental de investigação.

No ano de 2000 criei a série “Guerreiras”, que surgiu de um encontro com uma índia que amamentava seu filho nas calçadas de Carazinho. Este olhar me induziu a buscar mais informações, mais encontros, surgindo, assim, uma série onde pesquise índias caingangues e guaranis. Pintei quinze quadros sobre mulheres fortes e momentos impactantes, onde registro, em tinta, meu vivido. Essas mulheres transitam pelas ruas, vendem balaios, crianças estão em seus colos, comercializam arcos, flechas, tudo para sobreviver. Sobrevivência que questiono em meu trabalho, onde, outrora, elas eram donas das terras do Brasil, elas pertenciam ao habitat, não precisavam comercializar, pois a natureza lhes dava sustento e amparo. Dessa dura realidade de mulheres, outrora senhoras de nossas terras, uma constatação: temos que aprender com elas.

Os temas de minhas telas são consequência de encontros e vivências. A arte inventa ou transforma imagens através do sensível para depois construir pensamentos. Muitos outros encontros foram surgindo em meu cotidiano. Em 2002, de um contato com seres humanos nas ruas, meu espanto com o que encontrei fez surgir o instrumental desta pesquisa: a visão de um homem se alimentando do lixo.

No ano de 2004, visitando Porto Seguro, lendo a carta de Pero Vaz de Caminha, sua descrição sobre a beleza e exuberância da terra encontrada, da pureza do homem, descrevendo os valores do Brasil, fez com que me instigasse a

criar a série “Sou Brasil”, um tema onde uso a flora e a fauna brasileira. No mesmo ano, frequentando o curso de Mestrado em Educação na Universidade de Passo Fundo, na disciplina de Preparação de Educadores para a Terceira Idade, motivou-me a criar a série “Traços de Dignidade”, composta de oito telas, onde o envelhecer, o passar dos dias são motivos de resgate e valorização. As imagens são fortes e todas originadas de contatos com pessoas reais que estão em clínicas geriátricas e asilares. Os temas surgem em minhas criações como um constante sentir. Como não questionar o fato de envelhecer? Como não incorporar as vivências encontradas?

Em 2005, em contato com projetos realizados em Portugal, criei a série “Pacotes”; quatro obras onde registro meu impacto com o público com que iria atuar. Convidada para abrir um programa de 400 horas para a comunidade europeia, em Lisboa, onde às 67 horas iniciais eram destinadas a sensibilizar pela arte, apresentei minha indignação pelo inusitado do projeto: atuar com meninas violentadas e destituídas de instrução para a vida e para o mercado de trabalho, meninas que oscilavam na idade de 14 a 19 anos, sem escolaridade, e com todas as mutilações possíveis. Foi impactante o contato, mas me fez visualizar meninas-mulheres com um grande fardo a carregar.

No ano de 2006, retornando de Manaus, contatando com índios, com terra, com as origens do Brasil, criei a série “Brasilidade”, onde realizei uma pesquisa imagética sobre a exclusão, a paixão e, antes de tudo, de amor e brasileiro. Acredito que numa obra de arte sempre há algo de nossos sonhos, há sempre uma história pessoal onde se misturam razão e sentimentos. “Os seres humanos só se realizam, quando conseguem expandir seus sentimentos, colocar suas emoções e encontrar um universo que, no mínimo, dê algumas respostas às angústias da vida” (MOSQUERA, 1979, p. 255).

Meus anseios fizeram-me fugir da mecanicidade de viver, minha sensibilidade sempre me impulsionou a buscar mais e mais. Na série Brasilidade, os personagens são as crianças indígenas que encontrei na rodoviária de Passo Fundo/RS. Além da temática social, incorporo um novo olhar: o da ecologia. No mesmo viés, convidada pelo projeto de resgate ao papagaio charão, de um grupo de pesquisa em biologia da Universidade de Passo Fundo, trabalhei a série: “Pinhão, pinheiro, pinha, surge o charão”. Esta serviu como referencial iconográfico do projeto e, também, para capas



de livros; neste ano, ainda, as imagens estão sendo usadas no Simpósio Internacional de Diversidade.

No ano de 2008, iniciei uma busca que se fundamentou na agricultura. Participei de uma colheita agrícola. O envolvimento com o esforço dos homens em fomentar o alimento através de suas mãos, fez com que surgisse a série “Colheitas”. Mostro, através de quinze telas, o processo de preparo da terra, a adubação, a planta, o crescimento e o culminar com o fruto maduro: a colheita. As obras criadas foram impactantes para a valorização e resgate da cultura local. Somos uma região agrícola. A obra foi criada para enaltecer e valorizar o homem carazinhense, gaúcho, brasileiro, como também o celeiro mundial. Resgatei a economia histórica do município, pois Carazinho iniciou com a agricultura mecanizada nos anos 50, tendo como cultura principal o trigo. Nos anos 70 passou para a monocultura da soja, incentivada pelos altos preços e subsídios cedidos pelo governo brasileiro.

A série “Colheitas” fez um relato sensível, pois os ícones são personagens reais do campo, sua práxis, seu habitat e, principalmente, seu resultado. O homem presente na obra está relacionado como elemento estruturado, articulado com a vivência do povo rio-grandense que planta, produz e usa tecnologia agrícola.

Em 2009, influenciada por leituras de Fritjof Capra (2004), por sentir o compromisso de mostrar em tinta meus medos e opiniões, surge a série “Pombas”, pesquisa formal do pássaro, suas origens, seu acesso à cidade, questionando nossa atitude em nada fazer.

O ano de 2010 me motivou a pintar “Mulheres”. Convidei doze mulheres para fazer seus retratos, todas profissionais, com grande influência em nossa comunidade. Posteriormente, fiz contato com a Liga Feminina de Combate ao Câncer e ofereci as imagens para usar em um calendário. Senti que o trabalho poderia transcender, não só ornamentar paredes, mas, sim, fazer um trabalho filantrópico social. Não consigo mais pintar sem me envolver em algo, portanto, tenho o compromisso de fazer o melhor.

Ainda, em continuidade, comecei a criação de uma Via Sacra, que está sendo pintada para a Igreja da Glória de Carazinho, pois a mesma comemora 50 anos de existência. Neste ano, a mídia nacional deu uma grande notoriedade à execução dos painéis que estou fazendo, não por seu conteúdo social, contextualizado, mas porque a imagem de Cristo está usando calça jeans, como uma forma de trazer Ele para o mundo contemporâneo. Estou realizando quinze painéis de 1,40 cm X 1,40

cm, em pintura acrílica. O projeto está sendo financiado por párocos locais e pretendo concluí-lo até o final de 2010.

Todo trabalho que orienta meus dias é consequência de encontros, constatações e emoções. O encontro que me marcou como artista sensível, e que orienta esta pesquisa, é aquele que me fez ver com olhos do coração: “Catadores de Sonhos”. Esta pesquisa em tinta levou-me para mundos antes ignorados. Vivenciar o contato com catadores, conhecer suas realidades, seus mundos simples e complexos no sofrimento, em lutas cotidianas, fez com que eu valorizasse mais o ser humano. Conhecer suas aspirações, suas lutas na tentativa de sustento digno, orientaram-me a, também, buscar novos horizontes.

As obras criadas, no total de dez telas, já percorreram mais de quarenta cidades, exposições no Brasil e exterior. Já serviram de orientação para mais de 100 palestras para escolas e grupos de jovens. Foram usadas em dois trabalhos de mestrado, capa e tema de tese de doutorado; editada em revista internacional em Lisboa, Portugal, na revista Pais do Brasil e, também, usada em campanhas comunitárias do grupo Zaffari de Passo Fundo, como em campanhas de reciclagem para seleção do lixo.

Educar um homem consiste numa permanente atividade de aprender e reaprender as emoções e sentimentos de cada dia, a compreender os encontros e desencontros da vida, a compreender os significados mais diversos dos sentimentos que nem sempre conhecemos, mas sentimos, vivemos (THUMS, 2003, p. 160).

Neste percurso mostrarei a educação acontecendo a partir do contato com as obras/telas. As obras criadas são frutos de uma vivência que interferiu na maneira de ver o mundo que me cerca. O contato com seres humanos simples, humildes e suas histórias; foi significativo e deu origem a este estudo.

Num primeiro momento passarei a apresentar os autores que subsidiam meu trabalho sobre artes visuais (BOSI, 2009), educação (DUARTE JR., 2001) e ecologia (CAPRA, 2004; BARCELOS, 2008). Posteriormente, descrevo as dez obras, que fazem parte da série, mostrando a presença humana nas identidades ambientais, a força da sobrevivência que surge do lixo. Os quadros indicam os modelos de organização social e hierarquias. Também, mostro a minha inserção artística, meu

conquistado valor estético e um olhar sobre o cotidiano que se abre inusitado em linhas, formas e detalhes, pela minha percepção única de produtora de imagens, que transparece na escolha e ângulos de observação, na luz usada, principalmente na temática escolhida. Meu mundo se descortina neste olhar. Documento ou poesia, tanto faz, a passagem pelas páginas seguintes certamente levará o leitor-espectador a um reconhecimento de recantos sensíveis de minha alma, auxiliada pela leitura de imagens de Ott (1997).

Continuando na elaboração do trabalho, faço um apontamento, de acordo com Versiani (2005) e Gil (1994), no tocante à escolha do método autoetnográfico e a pesquisa documental. Seguindo por compreensão dos documentos que permitiram atingir três categorias: a promoção de conhecimento, a educação do sensível através de imagens e a educação estética e socioambiental.

Para finalizar, as fontes referidas no último capítulo se encontram em anexo, na tentativa de documentar as categorias mencionadas.

## 1 ALGUMAS IDEIAS SOBRE ARTE, EDUCAÇÃO E ECOLOGIA

O universo que habitamos se orienta por informações racionais, e tudo que se prova cientificamente é mais facilmente aceito pelos partícipes. Somos extremamente orientados por provas e necessitamos constantemente revalidar as mesmas.

O racional e o intuitivo são modos complementares de funcionamento da mente humana. O pensamento racional é linear, concentrado, analítico. Pertence ao domínio do intelecto, cuja função é discriminar, medir e classificar. Assim, o conhecimento racional tende a ser fragmentado. O conhecimento intuitivo, por outro lado, baseia-se numa experiência direta, não-intelectual da realidade, em decorrência de um estado ampliado de percepção consciente. Tende a ser sintetizador, holístico e não linear (CAPRA, 1991, p. 35).

Trabalhar com arte nos coloca perante o intuitivo apregoado por Capra (1991); permite fazer novas ligações e experimentações. O presente trabalho começou de uma visão intuitiva e um saber sensível; foi um contato com vivências do cotidiano que me permitiram ver. Desenvolver e refinar os sentidos, eis a tarefa; tanto mais urgente quanto mais o mundo contemporâneo parece mergulhar numa crise sem precedentes na história da humanidade (DUARTE JR., 2006, p. 13).

O universo em que habitei permitiu novos alcances, novas conexões. Nas experiências vividas vão surgindo transformações no sentido da arte, compreendida como parte de um contexto sociocultural e histórico, imaginários, sociais, em constante movimento, que vão mudando os códigos das expressões em arte; constroem-se por produtores em contextos diferentes, encaminhando suas criações, afetando sua práxis estética e criativa.

Inovação e tradição misturam-se na história da arte, na educação em arte e nas práticas sociais. Segundo Arslan e Iavelberg (2006, p. 10), “[...] a arte é imprescindível por incluir as formas simbólicas que dizem respeito à humanização de todos os tempos e lugares”. No meu contato diário como artista, tenho produzido obras de arte com grande carga emocional.

A imagem tem um grande poder de sensibilização, de penetração no universo visual, tanto que as dez obras criadas contam histórias de vida. “Obras de arte,

consagradas ou não, apenas ganham significação na medida em que podem ser vinculadas à vida e às experiências efetivamente vividas pelas pessoas” (DUARTE JR., 2001, p. 186).

Todos os registros aqui apresentados partem de uma observação e são passíveis de interpretação. A imagem, as telas, no presente trabalho, não funcionam como suporte verbal, ou seja, a imagem executa operações cognitivas e afetivas singulares.

Pesquisei, pintei pessoas que trabalham com o lixo. Causa estranhamento, apesar de sabermos que somos nós os produtores do mesmo. Estranhar o lixo é consequência de não viabilizarmos nosso cotidiano através dele.

A descoberta do mundo natural e a consciência do quão ligados a ele estamos, por mais urbana que seja a nossa vida, começa pelo aguçar de nossos sentidos, pelo seu desenvolvimento e sua apuração no dia-a-dia em que se vive, do qual faz parte, primordialmente, o espaço compreendido entre os muros da escola e os de nossa casa, bem como toda a paisagem da cidade pela qual nos movimentamos (DUARTE JR., 2001, p. 189).

O ser humano tem uma capacidade de imaginação que transcende à mera visão, e esta é condicionada a permissões do próprio ser. Falar em arte é também privilegiar a criatividade, que está circunscrita na labuta diária dos catadores.

Entretanto, dentro de um entendimento mais específico, arte envolve não apenas habilidade, mas, sobretudo, a imaginação, seja na música, na literatura, na apresentação visual ou na interpretação, pois o fazer criativo transcende.

“A Arte é a expressão do belo”. Esta definição, clássica e usual até algumas décadas, conduz a outra questão: O que é belo? O que é motivo de escárnio para uns, transforma-se em emoção para outros. A educação estética não define a beleza nem o belo e não se ocupa deste tema, mas dos discursos, formas de sociabilidade que implica educar sob uma perspectiva estética que funde o sensível e o inteligível, apreender pelos sentidos e o refletir sobre o apreendido. Arte é mais, é emoção, inovação, contradição. O artista interpreta o mundo em que vive e não pode estar alheio às mudanças da própria sociedade. Caminha com elas, e até adiante delas, provocando perplexidade, escândalo e reações iradas dos mais conservadores. O

artista não busca a unanimidade; não é um copista, é um desbravador: busca o diferente onde todo mundo só vê o igual.

Nelson Goodman (1972) defende que todas as artes, representacionais e não representacionais, têm uma função cognitiva. Assim, é um erro associar apenas a ciência aos processos cognitivos e limitar o âmbito da arte à evocação ou expressão de sentimentos. Para ele, a criatividade, tanto na arte como na ciência, consiste no desenvolvimento ou na modificação de elementos no interior de um sistema simbólico.

[...] Os símbolos bem sucedidos iluminam o mundo devido à sua especial aptidão para apresentarem um determinado assunto, recompensando aqueles que os cultivam com a revelação de novas e luminosas maneiras de ver o mundo (GOODMAN, 1972, p. 19) [tradução da autora].

Goodman (1972) nos conduz a iluminação, a qual alio ao processo subjetivo, a criação. Coletando meus modelos humanos, encontrei ângulos, texturas, planos, formas, volumes, linhas e cores que não eram lixo. A arte permitiu criar do lixo uma estética prazerosa e diferenciada.

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2003, p. 18).

Falar em arte é buscar transformações, já que as mesmas são impulsionadas por processos criativos. Ainda, vários autores se referem à arte como: o ver do artista é um ver afetado pelo pensar; um ver que analisa as formas e cores da natureza e as recompõe com uma nova inteligência do real. Assim, o ver-pensar é um combinar, um repensar, um transformar os dados da experiência sensível, pensamento bem claro na frase: “Arte: percepção aguda das estruturas, mas que não dispensa o calor das sensações” (BOSI, 2003, p. 41).

Alfredo Bosi (2003) também vê a arte como uma ligação cognitiva, imaginativa. Podemos comparar a arte a outro milagre, o da transformação da água

em vinho, já que o sentido vital da arte implica transformações: a arte recolhe da vida o material, mas produz algo que está acima desse material.

Vários acréscimos foram recebidos de Vigotsky (2001). Ele mostra o aspecto contraditório, conflitante e paradoxal, dizendo que toda obra de arte:

[...] encerra forçosamente uma contradição emocional, suscita uma série de sentimentos opostos entre si e provoca seu curto-circuito e destruição. A isto podemos chamar de o verdadeiro efeito da obra de arte, e com isto nos aproximamos em cheio do conceito de *catarse*, que Aristóteles tomou como base da explicação da tragédia e mencionou reiteradamente a respeito de outras artes (VIGOTSKY, 2001, p. 269).

Estas constatações vão ao encontro do tema proposto, pois o mesmo, quando apresentado, pode purificar alguns ou induzir ao afastamento de outros.

Segundo Vigotsky (2001, p. 310), a arte “surge inicialmente como o mais forte instrumento na luta pela existência, e não se pode admitir a ideia de que o seu papel se reduza a comunicar sentimentos e que ela não implique nenhum poder sobre esse sentimento”.

A arte não é uma imitação, nem uma concepção dos desejos ou do instinto; ainda não é uma reverência de bom gosto. Merleau-Ponty (1996) nos coloca como uma operação de expressão, termo este usado por Duarte Jr. (2001), também, muito comum na psicanálise.

A natureza deu ao artista a capacidade de exprimir seus impulsos mais secretos, desconhecidos até por ele próprio, por meio do trabalho que cria; e estas obras impressionam enormemente outras pessoas estranhas ao artista e que desconhecem, elas também, a origem da emoção que sentem (FREUD, 1910, p. 64).

Freud (1910) nos mostra a importância dos impulsos criativos, do ato de criar, do gesto espontâneo da criação. Nestes, muitas vezes, somos envolvidos sem saber a origem de nossas emoções.

Cito Vigotsky (2001) e Freud (1910), apesar de não pertencerem ao paradigma que estou estudando, mas são autores materialistas que elucidam o conceito e fizeram acréscimos ao campo da arte.

Pela arte podemos sair de nós mesmos; ainda, ver o que o outro vê desse universo que não é o mesmo que o nosso. A arte em vez de ver um único mundo, multiplica-se através de seus artistas originais e suas obras. Assim, quanto mais artistas tivermos, mais mundos infinitos a vasculhar teremos, já que os artistas de várias épocas continuam, através de suas obras, a nos enviar mensagens, mostrar mundos. O meu, nesta obra, foi explorar o universo do lixo.

A arte não ensina puro discernimento, mas, sim, é uma relação profunda nossa com o mundo, é verdadeiramente o ver. Todos os artistas em suas épocas são responsáveis pela maneira com que vemos o mundo. Esta visão é sempre estética, avança do pensamento, e é só ao choque de uma visão original que nós despertamos para uma visão diferente e sentimos que é diferente essa visão: consubstanciada conosco, ela será de novo nossa.

A mesma recuperação de uma visão original se opera na própria recuperação de uma obra de arte: a visão do mundo realizada pode passar-nos despercebida. É a recuperação dessa visão que define a descoberta de um artista esquecido – e, através dele, do mundo que reinventara. Ainda, acrescento o pensamento de Duarte Jr. (2001), que acredita na arte como instrumento precioso para a educação do sensível, levando-nos a descobrir tanto formas inusitadas de sentir e perceber o redor, mas também desenvolver e acurar os sentimentos da realidade vivenciada.

[...] deve-se voltar primeiramente para o seu cotidiano mais próximo, para a cidade onde vive, as ruas e praças pelas quais circula e os produtos que consome, na intenção de despertar sua sensibilidade para com a vida mesma, consoante levada no dia-a-dia (DUARTE JR., 2001, p. 25).

Há necessidade de maior sensibilidade neste mundo tão áspero e incrédulo. Além de tornar as pessoas sensíveis, que a própria obra de arte – criada por artistas, professores, alunos, enfim, qualquer pessoa – tenha a capacidade de refletir sobre ela como meio de expressão de sua ira, rebeldia, reação perante aquilo que enxerga ao redor. Ou seja, ela pode expressar artisticamente, esteticamente o que pensa que poderia ser um mundo melhor, ou, ao contrário, denunciar, por meio de sua obra, buscando somar a uma estética interessante o mundo em que vivemos. A obra “Catadores de Sonhos” surge como um meio de expor uma realidade



existencial, também um meio de apontar aos espectadores, aos envolvidos, o sensível das imagens.

### **1.1 Educação do sensível**

Falar do sensível sugere a importância da visão e entendimento de “estética”, que se fundamenta em sensibilidade. Logo, educar com sensibilidade vai ao encontro do proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas, quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por eles e pelos colegas, pela natureza e pelas diferentes culturas (BRASIL, 1999, p. 19).

Ainda, o aluno que não conhece arte tem uma experiência limitada, também a arte de aportes de vida ao aluno (BRASIL, 1999). Fica claro na mensagem dos Parâmetros Curriculares a sensibilidade que o aluno vai adquirindo pela vivência com arte. Também, é colocada a dimensão do sonho, pois, com arte, o aluno consegue sonhar.

Temos, na sensibilidade, uma das dimensões que caracterizam a espécie humana. As ideias gregas de modelo estético procuravam o ideal de beleza; já a dimensão da estética, hoje, é maior que somente beleza e percepção: ela nos coloca diante da sensibilidade. Ver e sentir o mundo que nos rodeia com uma visão estética é fazer aportes de amplitude, é abrir horizontes de possibilidades.

A criação é um momento forte de expressão, que resulta no símbolo artístico. Este momento de criatividade alia-se a sensibilidade e ganhará forma quando o artista assim a conceber. Esta criação é fruto do saber sensível que se relaciona com tudo que está a nossa volta, unidos aos outros elementos que estão dentro das vivências que carregamos. O sensível e o inteligível.

A educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas, mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana (DUARTE JR., 2006 p. 13).

A temática desenvolvida vai ao encontro das imagens, do sensível e de processos da educação informal e não-formal que surge das mesmas. Prosseguirei, mostrando sua pertinência.

“Catadores de Sonhos” e suas imagens fazem um percurso dentro do universo estético, onde se pode ver histórias, vivências fortes, mas nos habilita a ver também um caleidoscópio multiforme, policrômico, vivo e sensível.

Uma imagem se torna um objeto através do trabalho de um artista, a imagem é reconstruída na memória de quem vê o objeto (outros artistas entre esses), é relacionada ao conhecimento anterior, integrada a outras imagens que foram criadas por outras pessoas e usadas para vários fins, incluindo a interpretação e a criação de novas imagens (FREEDMAN, 1999, s.p).

As pinturas apresentadas seguem as categorias de leitura de imagens de Robert William Ott (1997). Para ele, a aprendizagem da arte necessita de um seguimento “sistemático de aprender a ver, observar, pensar criticamente ou investigar a respeito da arte” (OTT, 1997, p. 113).

A proposta de leitura deste autor constitui-se num sistema dinâmico, integrado e articulado de cinco passos, que facilitam o entendimento e a amplitude da leitura de imagens. Estes precisam ser seguidos para possibilitar a compreensão das categorias do sistema e *Thought Watching*: Descrevendo, Analisando, Interpretando, Fundamentando e Revelando (OTT, 1997).

Rizzi (2000) descreve o sistema usado por Ott (1997) como um processo que está acontecendo, pois ele usa os termos no gerúndio. Ainda, fundamenta-se neste autor para dizer que, na primeira categoria, ele sugere um aquecimento, sensibilização, preparando o potencial para a visão. Posteriormente, o descrevendo, que consiste em uma observação, uma narração de todos os signos que permite saber o conteúdo das imagens.

Na segunda categoria aparece o analisando, que resulta na investigação da obra por partes, considerando como foi executada, o que foi percebido, ideias, habilidades, classificações. Na terceira, interpretando, consiste em como sentimos a imagem e o que significa para nós. Na quarta, fundamentando, incide buscar subsídios em conhecimento adicional, disponível na história da arte, ou em crítica alusiva à imagem.

Estas considerações mostram que uma atividade de leitura de imagem em um processo educacional não deve se ater à aplicação dos modelos prontos. Podemos, sim, usar uma metodologia abrangente à fundamentação de cada uma.

[...] devemos escolher e criar os caminhos (metodológicos) levando em consideração a pertinência em relação a cada obra ou conjunto de obras, a partir das dimensões intervalares que elas nos propiciam, visando ampliar neste diálogo (íntimo/intersticial entre autor/obra/professor-mediador/aluno-fruidor) a construção viva e significativa de conhecimento em arte e pela arte (RIZZI, 2000, p. 4).

As imagens estão no mundo; delas fazemos constantes leituras, e estas podem ser os resultados veiculados de alguns conteúdos, também, as dimensões socioculturais da influência, um ser criador de si e do mundo.

Estamos num mundo cheio de informações, de imagens, e não podemos nos negar a vê-las. Imagem é algo que nem sempre remete ao que é visível, muitas vezes é um apoderar-se do visual e depende da produção de um sujeito: concreta ou imaginária, a imagem deve passar por alguém que a produza ou reconheça.

A visualização proposta é uma modalidade que contempla um conjunto de sensações oriundas das imagens que propõem uma vivência para os envolvidos na sua pluridimensionalidade, com especial atenção para o sensorial, o afetivo, o criativo, o inter e o intrapessoal por meio da arte. Como espaço educativo, propõe o sentir, o refletir e o fazer de forma a gerar saberes que podem ser vividos e sistematizados.

No universo da arte, o ver a obra toma um sentido mais amplo, aquele de ver além do olhar, ver imagens que têm um valor por si.

A imagem é concebida como uma unidade de sentido, na qual suas múltiplas partes falam de modo coeso, como fios que tecem uma trama. Desse modo, podemos ver numa imagem o que ela mostra como ela mostra. Nós nos projetamos nas imagens, interagimos com elas, somos influenciados por elas em nossa maneira de ser, de pensar, de agir. A imagem como um todo me olha, me interpela; é um texto e me diz algo. Para entender uma imagem, tenho de ver como ela está construída, desconstruir esta imagem e reconstruí-la para chegar ao seu sentido, aos seus valores, às suas relações (PILLAR, 2003, p. 16).

Explorar essas relações é ver o sentido das informações contidas na imagem, pelo contexto social, cultural, ambiental e pela competência do leitor. Ao olhar uma imagem procura-se, sempre, atribuir-lhe um significado. Explorar esses significados, conhecer a leitura que os envolvidos fizeram de diversas imagens será um dos objetivos deste estudo.

Em toda a história da humanidade temos registros de imagens, seja nas cavernas pré-históricas, ou no mundo que nos rodeia. A informação visual é responsável por muitas de nossas ideologias, nossa formação de conceitos. A imagem ainda é um meio de expressão e de comunicação que faz uma ponte às tradições mais antigas e ricas de nossa cultura.

O trabalho, a produção de um artista é seu intermediário com o mundo; logo, a única maneira de um artista sobreviver neste mundo é através do contato e da pertença ao seu ambiente. A pesquisa da série “Catadores de Sonhos” nos conduz a ver, também, além do ensino formal, buscando aportes no ensino informal e não-formal.

Educação informal é um processo de aprendizagem contínuo e incidental que se realiza fora do esquema formal e não-formal de ensino. Também é um tipo de educação que cada indivíduo vai colhendo durante toda sua vida ao adotar atitudes, aceitar valores e adquirir conhecimentos e habilidades da vida diária e das influências do meio que o rodeia, como a família, a cidade, o trabalho, os esportes, a biblioteca, os jornais, a rua, o rádio e todo veículo de informação. Educação informal abrange todas as possibilidades educativas, no decurso da vida do indivíduo, construindo um processo permanente e não organizado (CARO, 2003, p. 26).

A educação informal pode ser aquela que está relacionada com o processo livre de transmissão de certos saberes, tais como: a comunicação comum a um dado grupo, as tradições culturais e demais comportamentos característicos das diversas comunidades presentes em uma sociedade. Este tipo de educação está

consubstanciada por todas aquelas informações pontuais e ocasionais, não organizadas em currículos ou estruturas. São aquelas informações que qualquer pessoa recebe em sua vida cotidiana. Vão desde as contidas num panfleto de rua, numa notícia de televisão, numa manchete de jornal, num cartaz de propaganda num ônibus, até informações orais não estruturadas.

O trabalho de criação da obra “Catadores de Sonhos” está inscrito nesta modalidade de ensino. Também, como criadora das obras, passo a ter uma educação informal junto de uma educação não-formal ampliada, pois estas experiências somam nas minhas investidas em desenhar, pintar e produzir as obras, assim como promover o encontro da comunidade Carazinhense com a arte e educar pela leitura das obras.

Ainda, Caro (2003) nos coloca que se a educação formal é aquela que está estruturada nos currículos escolares e formalizada no ensino fundamental, médio e superior; a educação não-formal é constituída por todos os processos educativos não-curriculares, mas estruturados, e que pode acontecer de várias formas, como por exemplo, a educação realizada nos museus e centros de ciências, os cursos avulsos, as palestras, as conferências e outras modalidades fora do sistema escolar. No andamento da apresentação da série percebo que a mesma começa a ser uma educação não-formal, sendo que ela vai se ampliando com o meu envolvimento em palestras, exposições, pois são processos não-curriculares que ensinam, onde os envolvidos, aqueles que observam as imagens, frequentam mostras e me escutam falar sobre meu trabalho, são preparados para apreciar uma nova maneira de ver e sentir o processo criativo das obras e, também, sua interação com a educação ambiental.

Fundamentalmente, aprendemos nesses três tipos de educação, mas, cada vez mais, a educação não-formal e a informal têm uma grande importância no processo de educar esteticamente (CARO, 2003).

O foco de minhas obras são os trabalhadores que usam o lixo como meio de sobrevivência. Metodologicamente, no entanto, minha ênfase será no uso das telas como uma narrativa imagética que pode preservar e mostrar ao leitor uma informação a respeito do grupo estudado.

Toda imagem é um olhar sobre o mundo, que levado pela intenção de alguém, destina sua mensagem a outro espectador, procurando dar significação a este mundo.

O olhar é aprendido, é treinado de forma articulada com outros olhares. O olhar não é individual, ele é determinado social e conjunturalmente. É em função do tipo de olhar de uma dada época que são determinados os tipos de imagens e de que forma as pessoas se relacionam com elas (ACHUTTI, 1997, p. 42).

No ensino informal, o olhar cultural, o estar no entorno cultural nos condiciona, muitas vezes, a ver.

Nós somos como tartarugas: carregamos a casa. Essa casa são as lembranças. Nós não poderíamos testemunhar o hoje, se não tivéssemos por dentro o ontem, porque seríamos uns tolos a olhar as coisas como recém-nascidos, como sacos vazios. Nós só podemos ver as coisas com clareza e nitidez, porque temos um passado. E o passado se coloca para ajudar, ver e compreender o momento que estamos vivendo (CAMARGO, 1998, p. 1).

O ensino informal e o não-formal foram produzidos pelas obras. Seu resultado levou os envolvidos a construírem pontes, unindo saberes situados no passado, contrapondo com o presente; presente este que leva ao envolvimento ecológico, como é possível observar no capítulo que trata da análise documental.

## **1.2 Ecologia**

Desde a segunda Guerra Mundial, a globalização e as novas tecnologias proporcionam riquezas para alguns, e outros, com poucas habilidades para o mercado de trabalho, acabam sem emprego. Desta exclusão surgem os catadores de lixo, que encontram uma maneira de sobreviver e também de fazer uma atividade que gera benefícios importantes à sociedade: reciclagem de papel, papelão, vidro.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, realizada pelo IBGE em 2000, coletam-se no Brasil diariamente 125.281 mil toneladas de resíduos domiciliares, e 52,8% dos municípios brasileiros dispõem seus resíduos em lixões. Hoje se estima que um em cada 1000 brasileiros é catador (IBGE, 2002).

Falar em ecologia é, também, falar em vida; ecologia é a parte da biologia que estuda as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as suas recíprocas influências.

Ecologia, também, é uma parte das ciências humanas que estuda a estrutura e o desenvolvimento das comunidades humanas em suas relações com o meio ambiente e sua conseqüente adaptação a ele, assim como novos aspectos que os processos tecnológicos, ou os sistemas de organização social, possam acarretar para as condições de vida do ser humano. Enfim, estudar ecologia é estudar a vida. O termo ecologia – do grego, *óikos* = morada; *lógos* = discurso, ou seja, estudo sobre a casa – foi criado pelo biólogo Ernst Haeckel, em 1866. Seu significado tem origem na ciência que investiga a interrelação entre os seres vivos em um dado espaço geográfico (sua casa) – está intimamente relacionado às questões ambientais (NAESS; ROTHENBERG, 1990) [tradução da autora].

A Ecologia Profunda é o ramo da Ecologia que melhor discute esta questão. Para falar em Ecologia Profunda, devemos falar, primeiramente, de uma diferente visão de mundo que emerge no meio científico, sobretudo no final do século passado e início deste. Esta pode ser chamada de “holismo” (do grego *holos* = o todo), que concebe o mundo como um todo integrado e não como uma coleção de partes separadas. Pode ser denominada visão ecológica, se o termo “ecológico” for empregado num sentido mais amplo e profundo que o usual; a percepção ecológica profunda reconhece a interdependência dos fenômenos e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza e somos dependentes desses processos (CAPRA, 2004).

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de ‘uso’, à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida (CAPRA, 2004, p. 21).

Portanto, à ecologia profunda que Capra (2004) faz perguntas profundas a respeito dos próprios fundamentos da nossa visão de mundo e do nosso modo de vida modernos, científicos, industriais, orientados para o crescimento e materialistas; a autora questiona todo esse paradigma com base numa perspectiva ecológica: a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual fazemos parte.

No universo criativo, produzido pela série de pinturas, constantemente fiz uma imersão ecológica. Imersão esta voltada a vivências com materiais vindos do lixo que, passando pelas mãos dos catadores, serviam de matéria-prima de reciclagem. O contato com pessoas que diariamente trabalham com lixo, sua preocupação com a sobrevivência e seu sustento levou-me a entender a visão ecológica, se o termo 'ecológica' for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual.

Barcelos (2008) propõe uma “busca criativa” em torno das alternativas e metodologias de trabalho em educação ambiental e, também, para pensar as questões que desafiam a educação de maneira geral. Tal busca é considerada, pelo autor, como criativa na medida em que permite que tanto educador como educando possam ser ouvidos, tendo a possibilidade de falar da sua interpretação do mundo como um texto. É justamente a possibilidade de diferentes leituras e o diálogo devorativo entre elas que permitirá a criação.

Quanto mais voltamos nossa atenção para as grandes dificuldades sociais de nossa época, quando paramos e refletimos sobre a grande crise em que vivemos, em todos os âmbitos de ação do ser humano e em todos os lugares, percebemos as falhas de uma visão de mundo compartilhada por grande parte das pessoas influentes, responsáveis pelo comportamento do ser humano, como empresários, governantes e cientistas, e mais percebemos que estas falhas estão interligadas e não podem ser entendidas de forma isolada, ou linear, como peças autônomas de um simples processo. Os problemas que se abatem sobre as pessoas e a natureza estão profundamente enlaçados com uma forma de compreensão sobre o mundo (GUIMARÃES, 1997).



Entende-se que a educação ambiental trata em seu conteúdo uma nova maneira de ver a realidade, incorporando uma percepção mais humana e sensível da relação íntima e inseparável que existe entre o meio ambiente e a qualidade de vida, além de ser necessário para garantir a própria sobrevivência humana (BARCELOS, 2008, p. 109).

Sobrevivência esta que nos obriga a proteger, clamar pelo planeta, pela vida. O paradigma subjacente à nossa visão de mundo – vem condicionando o comportamento humano ocidental – e todas as suas instituições – por mais de três séculos. Ela é constituída basicamente da ideia de que todo o universo é uma grande máquina, um grande reservatório, sem vida ou qualquer sentido além do de um sistema mecânico similar ao das máquinas feitas por nós e, por isso, dentro do fugaz período de tempo a que se resume uma vida humana, é perfeitamente lícito, dentro desta concepção filosófica, que o indivíduo procure extrair o máximo deste sistema morto, a isto chamo de exploração. Em última análise, e de acordo com esta visão, não parece igualmente ter significado algum: a existência humana. A falta de valor que estamos dando à natureza, à vida.

O homem usou e abusou, explorou o planeta, sem nada pagar ou devolver. Daí o conjunto de caracteres típicos de nossa sociedade industrial e capitalista: a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, a ênfase na sobrevivência mais que na vivência e na melhoria real da qualidade de vida a partir do enriquecimento interpessoal, a crença num progresso material ilimitado, num contínuo crescimento econômico explorador de recursos naturais limitados.

A ecologia profunda não separa o homem do meio ambiente; na verdade, não separa nada do ambiente. Não vê o mundo como uma coleção de objetos isolados e sim como uma rede de fenômenos indissolivelmente interligados e interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e encara o homem como um dos filamentos da teia da vida. Reconhece que estamos todos inseridos nos processos cíclicos da natureza e que deles dependemos para viver (CAPRA, 2004, p. 21).

Buscar o ensinamento ecológico é apostar na vida. Vida esta que de forma intensa se solidifica no contato com os catadores de rua. A questão do lixo e suas implicações passa a ser debatida mais amplamente no Brasil a partir da ECO 92,

quando as questões ecológicas aparecem mais claramente para a humanidade, por ser uma questão de sobrevivência do planeta.

Realizada no Rio de Janeiro, a segunda Conferência Mundial para o Meio Ambiente Desenvolvimento (que ficou conhecida como Eco-92) teve como um de seus resultados a formulação de muito importantes. Porém, muitos dos termos desses documentos ainda não foram colocados em prática. Isso por tratarem de questões que estabelecem mudanças no comportamento dos países em relação ao meio ambiente. Essas mudanças deveriam ser implementadas tanto pelos países ricos quanto pelos chamados 'países em desenvolvimento' (IBGE, 2010, s.p).

Como sempre, é a necessidade que cria a motivação. Foi a necessidade de se fazer algo com o excesso de lixo que levou milhares de pessoas em todo o país a trabalhar na atividade de catador, já que o lixo passou a ter valor comercial, através da reciclagem. Os catadores, para sobreviver, encontraram no lixo uma fonte de renda para atender às suas necessidades. Em suma, o lixo, que precisa ser recolhido e reciclado para a sobrevivência do planeta, encontra no catador uma saída, e o catador, que precisa de trabalho, encontra no lixo uma alternativa de sobrevivência.

Os catadores de lixo reciclável são sujeitos que, na maioria das vezes, encontram-se nestas condições de exclusão e, por não terem uma alternativa melhor para manter a sua sobrevivência, acabam procurando no lixo a sua renda, pois esta atividade está diretamente ligada à sua sobrevivência imediata.

A recuperação de materiais a partir do lixo é uma atividade milenar. Desde os tempos antigos, os destituídos sociais vêm sobrevivendo graças à recuperação das sobras da sociedade, sendo, contudo, retratados como marginais e vagabundos. Ou seja, aos indivíduos que trabalham com o lixo sempre foi imputada uma imagem social extremamente negativa.

Ao longo do processo sócio-histórico, a espécie humana estabelece uma relação de dominação sobre a natureza, buscando decidir o futuro, administrando a terra como sua propriedade, esquecendo da sua condição humana. Abrir os olhos para esta realidade é o enfoque aqui sugerido.

As imagens que pinte em telas são consequências de mais de 100 fotos tiradas em constantes contatos com os catadores e o lixo encontrado. O mesmo nos

diz muito sobre a sociedade; ele nos aponta o que diferentes grupos sociais consomem e, também, o que jogam fora. Este ciclo funciona como: produção, consumo, descarte, coleta, reciclagem e reprodução. O lixo reaproveitado funciona como uma usina de produção de matéria-prima.

O homem vive em uma sociedade para se autoafirmar, e viver desencadeia os avanços da humanidade política, econômica e social, tanto em ações individuais como coletivas. A direção a tomar é consequência de determinantes culturais e históricas.

## 2 RECURSOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa busquei autores que subsidiaram meu trabalho, contribuindo em diversas temáticas. Apresento os autores que fundamentarem o método autoetnográfico, a leitura de imagens e a análise documental, pois estas são minhas opções metodológicas

Assim, optei pela realização de uma pesquisa qualitativa, por ser mais subjetiva. Também, por ser mais apropriado, pois o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e não tende à quantificação. Procurei, neste, o entendimento do contexto social e cultural dos elementos da pesquisa. No método qualitativo é preciso aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas, e entre pessoas e sistemas.

Na série “Catadores de Sonhos”, usei meu olhar para tentar estabelecer pontes, reunir minhas lembranças, minha visão como produtora, criadora de imagens, fundamentada em encontros, contatos, memórias e vivências. A resposta das 10 telas exprime um sentir onde percebo e interpreto em forma e cor as minhas sensações. Busquei, em Versiani (2005), uma definição de autoetnografia porque considero que este método pode auxiliar a entender meu papel de pesquisadora não neutra e autoreflexiva sobre o significado da própria produção artística.

Trata-se de interlocução com sujeitos cuja autoridade sobre seus próprios saberes é *a priori* reconhecida. Trata-se da construção intersubjetiva de uma episteme, compreendida como policêntrica, aberta e em constante construção. O que proponho, então, é um novo papel para o próprio pesquisador, que deveria colocar de lado sua lanterna e ir à caça de seu próprio farnel de memórias, produzindo conhecimentos a partir de uma prática intensamente auto-reflexiva, que reconheça e explicita a localização sócio-teórica e cultural de seu discurso e abandone o suposto ponto arqui-médico que um dia lhe foi atribuído. A isto eu chamaria de método autoetnográfico (VERSIANI, 2005, p. 245).

O método autoetnográfico permite a utilização de vários instrumentos, como as pinturas e os documentos publicados existentes, sejam jornais, revistas, folders, livros, convites, pôsteres, trabalhos de conclusão de curso; caracterizando assim uma pesquisa documental que é muito parecida com a bibliográfica. A diferença está

na natureza das fontes, pois esta forma vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Além de analisar os documentos de “primeira mão” (documentos de arquivos, igrejas, sindicatos, instituições, etc.), existem, também, aqueles que já foram processados, mas podem receber interpretações, como relatórios de empresas, tabelas, etc. (GIL, 2002).

Na pesquisa qualitativa utilizei o método documental e o método autoetnográfico, e busco em Versiani (2005) o apoio necessário, pois os estudos sobre autoetnografias fazem parte de seu livro “Autoetnografias: conceitos alternativos em construção”. Segundo a autora, na autoetnografia entram “diferentes concepções sobre tipo de escritas auto-reflexiva, com diferentes implicações metodológicas e epistemológicas” (VERSIANI, 2005, p. 16). Aqui, a autora faz uma referência sobre literatura e estilos de escrita, a que associo a minha práxis poética visual e meu estilo de pintura. As diferentes visões sobre a criação permitem que cada autor faça sua obra a partir de perspectiva de mundo. Meu trabalho é fruto de minhas vivências. Ainda, “a inclusão da própria experiência à característica a diferenciar autoetnografias de etnografias, histórias de vida ou autobiografias” (VERSIANI, 2005, p. 16). A autora coloca a importância da práxis, da produção, onde o fazer é constantemente analisado.

No meu trabalho, como produtora de imagens, apresento uma realidade vivenciada, momentos vividos. Impossível não me projetar como partícipe dessas histórias. Alheia, não posso permanecer. A obra “Catadores de Sonhos” tem uma trajetória de oito anos desde sua criação; portanto, dados documentais se ampliam, por visitas, exposições e, também, por interações através de depoimentos orais e escritos.

O uso de dados documentais faz com que se mantenha uma interlocução entre a obra e os espectadores, fixando assim um diálogo, onde a inclusão das minhas experiências está presente.

Esta investigação está baseada no paradigma emergente. Propõe um modelo, denominado “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”, proposto por Santos (2005, p. 37), que diz: “paradigma científico de conhecimento prudente e um paradigma social de uma vida decente”. Para justificar o seu modelo, Santos (2005) utiliza-se de quatro princípios sobre o conhecimento:

- a) todo conhecimento científico–natural é científico social. Deixa de haver uma ruptura entre o Homem e a Natureza, o orgânico e o inorgânico, a consciência e a realidade física externa, o que leva a um saber não-dualista que acaba com a distinção entre Ciências Exatas e Humanas. O Homem está no centro do conhecimento, e a Natureza no centro do Homem;
- b) todo conhecimento é local e total. A fragmentação pós-moderna do saber não é disciplinar, mas temática. O saber se constitui multidisciplinarmente, através de uma síntese de várias fontes e métodos;
- c) todo conhecimento é autoconhecimento. Acaba a distinção entre observador e fenômeno, sujeito e objeto, subjetivo e objetivo. A Ciência não descobre, cria conhecimentos, e não é a única explicação possível. Fortalece-se a ideia de que nossas trajetórias de vida, nossos valores e crenças provam a existência de um conhecimento sem o qual seria impossível a compreensão da ciência científica. Este saber, no entanto, é clandestino, é escamoteado, mal visto pela ciência moderna, mas reconhecível nos não-ditos da nossa produção acadêmica;
- d) todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. A ciência deixa de ser hermética e reservada a poucos eleitos capacitados, para ganhar o domínio público e tornar-se um saber popular. Na ciência emergente, o conhecimento científico precisará ser convertido em conhecimento do senso comum, traduzido em sabedoria de vida. Esta é a prudência da nossa aventura científica.

“A prudência é a nossa insegurança. Tal como Descartes, no limiar da ciência moderna, exerceu a dúvida em vez de a sofrer, nós, no limiar da ciência pós-moderna, devemos exercer a insegurança em vez de a sofrer” (SANTOS, 1999, p. 57).

Os dois autores se assemelham na valorização dos conhecimentos que o ser humano vai adquirindo ao longo da vida. O estudo resgatará aspectos oriundos de minhas vivências criativas e das vivências dos observadores que, na apreciação, passam por um processo educativo.

Os domínios de aprendizagem para a educação artística em um mundo pós-digital são identificados através da autoetnografia, uma metodologia de pesquisa qualitativa congruente com uma emergente mudança paradigmática além da cultura digital da Era da Informação para uma Era Conceptual pós-digital, que exalta a

capacidade de criar um significado estético, de discernir padrões, de elaborar uma narrativa significativa e de combinar ideias aparentemente não relacionadas para uma nova criação. Os domínios de aprendizagem são trazidos à luz através de uma narrativa que destaca episódios na vida de um artista/pesquisador/professor que têm significado especial para a educação artística. Esse inquérito autoetnográfico, nas intersecções de arte, ciência, tecnologia e cultura, identifica domínios entrelaçados que criam um feitiço colorido de aprendizagem vitalícia: a partir de uma imersão impressionante, exploração lúdica, criatividade estética e análise morfológica, para uma imaginação interdisciplinar, interatividade cibersomática (computador-corpo), colaboração policultural, e integração holística (ALEXENBERG, 2008).

Os caminhos percorridos na existência humana levam a uma constante transformação. O contato com o outro, o viver e o compartilhar cultural são elementos de mutações que levam o partícipe a esquecer seu estado natural: ser humano. Buscar a essência em sua caminhada, ser feliz, descobrir-se, deveria ser meta humana. “Temos dois olhos. Com um nós vemos as coisas do tempo, efêmeras, que desaparecem. Com o outro nós vemos as coisas da alma, eternas, que permanecem” (ALVES, 2004, p. 87).

O sujeito de que necessitamos para atravessar a presente crise não pode mais ser entendido como aquele preconizado no Iluminismo, com toda ênfase recaindo sobre a sua capacidade racionalizante, a sua capacidade estrita de construir e se adequar a um conhecimento universal e, portanto, desencarnado e desterrado. Ao contrário, necessita-se primordialmente de um sujeito antes de tudo sensível, aberto às particularidades do mundo que possui a sua volta, o qual, sem dúvida nenhuma, deve ser articulado à humana cultura planetária (DUARTE JR., 2006, p. 172).

Ir ao encontro da alma, do ser, do potencial, da estesia, qualifica o ser humano, bem como auxilia o homem em seu processo educativo, sendo uma das premissas nessa travessia.

Preferiu-se, neste texto, o emprego da expressão saber sensível em lugar de conhecimento sensível por se acreditar que o verbo saber possui uma denotação mais ampla que o seu congênere conhecer. Enquanto o conhecimento parece dizer respeito à posse de certas habilidades específicas, bem como limitar-se à esfera mental da abstração, a sabedoria implica numa gama maior de habilidades, as quais se evidenciam articuladas entre si e ao viver cotidiano de seu detentor, então, em suma, incorporadas a ele. E é bem este o termo, na medida em que incorporar significa precisamente trazer ao corpo, fundir-se nele: o saber constitui parte integrante do corpo de quem o possui, tornando-se uma qualidade sua (DUARTE JR., 2006, p. 14).

O ser humano vive em uma sociedade onde se desencadeiam os avanços em diversas áreas – política, econômica, social – tanto em ações individuais como coletivas. A direção a tomar é consequência de determinantes culturais e históricas. A leitura proposta é uma modalidade que contempla um conjunto de sensações oriundas das imagens, que propõem uma vivência para os envolvidos na sua pluridimensionalidade, com especial atenção para o sensorial, o afetivo, o criativo, o inter e intrapessoal por meio da arte. Como espaço educativo, propõe o sentir, o refletir e o fazer de forma a gerar saberes que podem ser vividos e sistematizados.

Na leitura dessas imagens utilizo a metodologia de Robert Ott (1999), que consta de cinco categorias: descrição, análise, interpretação, fundamentação e revelando. Na descrição o observador descreve, tudo o que é visível deve ser inventariado; na análise se observa o que foi usado, como foi executado, a parte técnica; na interpretação é o momento de se fazer uma descrição mais sensorial, o que se sente em relação a obra; na fundamentação é o momento de buscar aportes na história da arte, na ciência, fundamentando o visível; e, no revelando é uma transformação, uma nova forma artística que pode surgir do visualizado.

No universo da arte, o ver a obra toma um sentido mais amplo, aquele de ver além do olhar, ver imagens que têm um valor por si. Explorar essas relações, ver o sentido das informações contidas na imagem, pelo contexto social, cultural e ambiental e pela competência do leitor, é meta a buscar. Ao olhar uma imagem, procura-se sempre atribuir-lhe um significado. Explorar esses significados, conhecer a leitura que os envolvidos fizeram de diversas imagens é o norte deste estudo, e seu significado está documentado nas fontes que permitiram chegar à categorização das informações.

Este tipo de pesquisa me levou a investigar por enfoques plurais as diferentes fontes de documentos que foram publicados a respeito da série “Catadores de



Sonhos”, no período de 2002 a 2009. Estas fontes são materiais que faz parte dos portfólios de meu trabalho. Todo o material da série “Catadores de Sonhos”, foi sendo organizado em pastas, e foi, primeiramente, selecionado por ordem de maior repercussão. A análise do material se deu no período de setembro e outubro do corrente ano, distando, portanto, do período de publicação destes documentos.

Por ser um estudo qualitativo, pretendo buscar significados para os fenômenos estudados, sem a pretensão de generalizar resultados.

O objetivo fundamental da ciência é chegar à veracidade dos fatos por meio de um método que permita atingir determinado conhecimento. Define-se método como "o caminho para se chegar a determinado fim. E, método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento" (GIL, 1994, p. 27).

De forma a favorecer a sistematização deste capítulo, optei por apresentar a análise e a discussão dos dados integrados de forma a beneficiar a dinâmica de compreensão. Para tanto, utilizarei a fonte Arial quando apresento a análise e/ou discussão dos dados, bem como os comentários de alguns teóricos. Contudo, utilizarei o formato de letra (*Tipo*) Itálico para identificar os dados coletados nas fontes documentais. Vale ressaltar que os nomes dos depoentes, nestes documentos, não foram modificados, haja vista que estes nomes já haviam sido noticiados na imprensa, a maioria deles sendo resultado de entrevistas realizadas pelos jornais locais. Considerando-se que estes sujeitos já haviam autorizado o uso de suas identidades nestes órgãos de divulgação, o que implica em domínio público de informação, não fico obrigada a modificar suas identidades para fins desta pesquisa, já que não desrespeito normas científicas para uso de informações que envolvem seres humanos.

Para tanto, apresento as provas deste processo através dos documentos, materiais vindos da comunidade carazinhense, que podem auxiliar a responder as questões levantadas na introdução deste trabalho.

### 3 A PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Cadernos preenchidos, folhas ausentes, vivacidade latente...

Meus primeiros anos escolares foram intensos. Muita cor, garatujas, desenhos ornavam as folhas de meus cadernos. Outras vezes, as páginas desapareciam e tornavam-se desenhos, dados, observações trocadas, aviões enviados; o caderno era todo usado, mas pouco escrito.

Meu material era sempre a sobra que vinha de meus irmãos mais velhos, já que venho de uma família de sete irmãos, sendo a quarta na cronologia. Lápis de cor bem apontados, uniforme adaptado. Tudo era festa, mas a comemoração maior era poder manusear os lápis, papéis, ver o efeito das incessantes investidas em linhas e formas que surgiam de meus constantes e felizes rabiscos.

Diariamente era desafiada a fazer cartões, enfeitar cadernos, decorar as capas, e tudo isso enriquecia meus dias. Nessa época, minhas tardes eram fantasiosas, e meu brinquedo preferido era brincar de escola. A clientela escolhida eram meus irmãos caçulas e seus amiguinhos que frequentavam minha casa. Criei também um grupo de Bandeirantes, onde vivíamos buscando desafios e possibilidades: gincanas, acampamentos, desbravamento e coragem.

Sempre fui incentivada a usar o tempo, jamais perder...

Em minhas férias escolares tinha contato com novos lugares. Meus pais tinham o hábito de viajar no inverno – pequenas excursões – e, no verão, faziam passeios que preenchiam o mês. Tive contato com museus, obras e, também, com a ideia de não haver limites.

Descobri, em mim, possibilidades. Meu trabalho como criadora, como ser humano pensante e sensível é resultado de ser catadora. Acredito que depende de nosso esforço, também de atitude perante os desafios, fazer a diferença neste espaço Terra em que vivemos.

Aos nove anos de idade iniciei a arte de desenhar; aos 13 comecei a pintar. Pintar significava o ápice de meus dias, poder sentir a tinta, as cores, tudo era onírico para mim. Quando remonto aqueles dias, sinto cheiro de tinta, e essa lembrança é nostálgica e bela. Nesse período, o contato maior era com tinta a óleo, que tinha uma secagem mais demorada, permitia mais modificações. Também utilizava tinta aquarela para projetos, estudos no papel. Buscando uma definição de

pintura – um meio de usar a cor – em diferentes texturas, em diferentes suportes, fazia do pigmento meu meio de expressão.

Aos 17 anos, já era professora de atelier de desenho e pintura; também, comecei a lecionar em escola particular para o Curso Básico. Quando iniciei a faculdade no Instituto de Artes, da Universidade de Passo Fundo, monitorava a disciplina de História da Arte e de Pintura.

Ser desafiada, buscando inovação, levou-me a criar uma galeria de artes em Carazinho. Desde a inauguração da galeria, propus um espaço para dialogar sobre meu trabalho, sobre arte em geral, expondo e levando ao público opções diferentes de entender e ver a arte. Obviamente senti dificuldade em fazer este convencimento. A comercialização era insipiente. As pessoas não tinham o hábito de entrar na galeria. Vi que tinha que apostar no diferencial.

O espaço foi sendo respeitado, visitado e, hoje, já tem uma existência de 14 anos. Mas, a persistência em fazer a galeria sobreviver me obrigou a superar todos os limites, tempo, cansaço e criação.

Realizei mais de 20 séries em uma desenfreada viagem criativa. Comecei a realizar eventos, lançamentos de livros (momentos com sessão de autógrafos, coquetéis, noites temáticas), quando convidava as pessoas do relacionamento dos autores, intelectuais, autoridades e a imprensa local. Esses eventos passaram a popularizar o espaço *d'Arte Galeria*, que começa a ser frequentado por um número grande de pessoas da comunidade. Para agregar valor interativo e cultural ao espaço, comecei a fazer palestras nas escolas, mostrando o acervo, iniciando projetos, usando minha obra para motivar a consciência sobre problemas do cotidiano.

Com essa linha de intervenção, em 2002, andando pelas ruas, deparei-me com catadores de papel. Num susto do cotidiano de nossa cidade, surgiu a necessidade de pesquisar e, posteriormente, pintar a série “Catadores de Sonhos”. Encontrei um ser humano comendo no lixo. Posteriormente, comecei a reparar outros, tentando me libertar daquela imagem assustadora que me confrontava com seres que, antes, eu não percebia.

Como artista plástica, sei que posso, em tintas, escrever minhas histórias. Como educadora, fui aprendendo que minhas imagens podem realizar educação.

A descoberta de andarilhos sobreviventes dos dejetos de uma sociedade que os exclui, fez-me parar e criar. Senti-me melhor, mais íntegra, depois da criação

dessas imagens. As 10 obras desta série transformaram o meu trabalho. Senti que meu compromisso com a estética é realmente promover sensibilidade. O alcance social desse trabalho foi tamanho que, ao longo daquele ano, recebi mais de 20 escolas da comunidade (em torno de 100 turmas de estudantes, de crianças, adolescentes e adultos), inclusive de cidades vizinhas, que traziam seus alunos para conhecerem as imagens da série, para ouvirem meu depoimento sobre o significado desse trabalho. Posterior a essa visitação, muitas escolas iniciaram programas de reciclagem do lixo.

A cada nova série uma constatação: meu universo criativo é consequência de meus anseios e devaneios. Toda consequência imagética é um pedaço de meu mundo.

No passar dos dias, senti a necessidade de registrar o mundo em que vivo, em apostar nos pensamentos, divagações e conclusões de minhas vivências. Assim, as imagens do mundo sempre foram o mote criativo que me influenciaram a criar.

Esse estudo é parte de meu trabalho como artista plástica no qual entrevistei mais de 40 catadores de papel no município de Carazinho/RS, o que redundou na coletânea de mais de 110 fotos desses trabalhadores e suas famílias. Foi analisada a trajetória dos catadores de papel, suas coletas, seu retorno financeiro e, principalmente, suas narrativas de vida. Esse contato sensibilizou-me; logo segui pesquisando as singularidades desse processo de trabalho. Produzi 10 obras em tinta acrílica sobre tela, onde retrato minha concepção sobre os ambientalistas do cotidiano, motivo do trabalho diário de coletas, sobrevivência e dignidade dos catadores de papel. Para a criação da mesma utilizei muita estilização e muita cor. O estilizado (ou estilização) é o desenho que é transformado. Desenho estilizado também é um desenho simplificado. Estes apresentam o contorno indefinido. O resultado do processo criador se ampliou quando passei a apresentar as obras para a comunidade e, mesmo, para os catadores de papel que passaram a se ver nas telas. A proposta parece desmistificar a ideia de que a arte é específica de uma cultura elitista e, antes, que o processo criador é tudo aquilo que transforma a vida. O lixo em arte, a arte em vida.

Quanta gente? São muitos. Vemo-los todo dia. O que fazem? Por que catam lixo?

Interrogações mil fizeram com que se desse início à pesquisa sobre os catadores de papel. Inicialmente, observando-os e seguindo-os. Posteriormente, fotografando-os, conversando e interagindo.

Esse contato transformou o meu modo de ver e, assim, o “motivo” ou o tema da série criada. Todavia, o contato pessoal com os catadores foi fundamental para a concepção da importância e do entendimento do que buscava. Naquele momento, meu universo tornou-se somente eles, pois meu interesse, quando pesquiso um tema, volta-se para essa intenção, não vendo outro motivo para pesquisar senão papel, papelão, vidro, resíduos, restos e plástico.

Diariamente são vistos, nas cidades, catadores de papel. Esses contatos foram os motivadores do presente trabalho, que começou com uma constatação visual, passou para uma representação plástica e, posteriormente, para uma consciência social, uma vez que as notícias do cotidiano são mais verdadeiras, porque ferem e não são belas, mas são, na sua integridade, reais.

Segui-los, vê-los, foi o trajeto de muitos dias. Diariamente os via nas ruas. Comecei a vê-los como mobiliário urbano, não fixo, mas sempre presente. É gente que luta de sol a sol para não sucumbir. Trafegam pelas ruas, buscando sua sobrevivência e dignidade. Nesse período, comecei a conversar com as pessoas sobre a sina desses seres que passavam, muitas vezes, sem serem vistos.

Ver o mundo que nos cerca é também sentir e interpretar nossas visões. O Brasil, com suas diferenças, nos apresenta um grande laboratório para pesquisar. Na atividade plástica, busquei mostrar a indignação ao descaso, ao não ver, não sentir. Para muitos, é melhor não ver, pois o que os olhos não veem o coração não sente, como refere o ditado popular. Nas palavras de Duarte Jr. (2006, p. 97), seria como um não ver, para não sentir: “atitude extrema como mecanismo de defesa face ao enfreamento de nossa situação vital [...] E, assim, seguindo o folclórico comportamento do avestruz, vamos desaprendendo a ver um pouco mais”.

É visível o descaso que percebi nas ruas, onde as pessoas não veem os transeuntes que passam com seus carros. São dejetos, são personagens descartáveis; não são dignos de dispensar atenção. Em várias cidades, por onde andamos, nós os encontramos.

Em 2002 busquei informações em cidades próximas à Carazinho, sobre os catadores de papel: em Passo Fundo, Erechim, Tio Hugo, Não-Me-Toque, Victor Graeff e, também, em Porto Alegre. Naquela época, o único lugar em que ainda não

havia catadores era Tio Hugo, sendo que era um município pequeno, recém-emancipado, de economia agrícola, tinha uma ótima utilização da força produtiva dos munícipes. Nas outras, todas possuíam catadores, principalmente pelo problema maior que é a falta de emprego e a falta de preparo para as constantes exigências do mercado.

Constatai que em Porto Alegre, capital de nosso estado, o problema é exacerbado: o número de catadores amplia-se a cada dia. Comparações realizadas na época indicavam que Carazinho tinha aproximadamente 60.000 habitantes e Porto Alegre mais de um milhão, então o número de catadores é proporcional ao tamanho e aos problemas que advém das metrópoles. Percebi, também, que o lixo se acumula mais nos bairros ricos. Como exemplo, no alto do bairro Moinhos de Vento há um enorme acúmulo de lixo, evidenciando-se que os moradores usam muitos alimentos congelados, muita tele-entrega (muita embalagem). Nos bairros pobres, o lixo é produzido em menor número, pois os moradores aproveitam tudo para evitar o desperdício. Essas constatações foram muito visíveis e, também, registradas na fala dos catadores da capital, onde evidenciaram ser melhor buscar o sustento em bairros de classe econômica alta.

Na simplicidade da caminhada dos catadores, muitas confirmações: também somos catadores. Nossa faina diária é conduzida por nossos sonhos: depende do tamanho dos sonhos o empenho que faremos.

A seguir, destaco as obras criadas por mim para a série “Catadores de Sonhos”. Em termos técnicos, aponto também um esboço visível na maioria das telas, que inclui a abstração geométrica do negativo de um filme, mostrando que todos os envolvidos fazem parte dessa história: eles são protagonistas da vida real.

### **3.1 Cena urbana**

Obra em acrílica sobre tela, dimensão de 90 cm X 110 cm, onde aparece um personagem, de calças pretas, camisa branca, conduzindo seu carro. Posteriormente, a imagem se afasta e, à esquerda, surge outro momento dele, segurando um saco de lixo; mais à direita surge o mesmo personagem, segregando o lixo. Obra realizada em 2002, pertence ao meu acervo.

A composição da Pintura 01 tem uma tendência de linhas verticais, seja na postura do personagem como na criação do fundo, edifícios que se espremem nas formas do catador. Figura e fundo se entrelaçam, formando uma imagem que se define pelas cores. Há uma grande variação de tamanho da figura, que inicialmente é pequeno, mas, conforme se aproxima do primeiro plano da tela, se agiganta.

A cena se passa na cidade, com um homem sorridente que conduz seu carro e nele está escrito: “O senhor é meu pastor, nada me faltará”. No outro lado: “Procura-se uma esposa”. Para esta há um número de celular. Atrás do carro há uma citação que diz: “Cura contra a maldição e o mau olhado”. Na pureza de tal informação, uma certeza: gente que é gente. No andar de seu carro, nos passos lentos, no olhar cansado, mas com grande sorriso, um ser humano a trafegar. Ele sorri para todos. Seu carro é feito com sucatas, decorado com restos de sinaleiras, com gaiola de pássaros vazia: seu design é único. Hoje, passados oito anos, encontro-o com nova mensagem: “*Persisa de uma companheira*”. Chamei o catador de Zezinho. Todo dia, suavemente, conduz seu carro, selecionando o lixo, sorrindo, olhando-nos, vendo em cada lixeira uma possibilidade. Não expressei somente um momento do Zezinho, mas fiz uma representação em três partes, para mostrar todos os momentos de um trabalhador: ver o lixo, selecioná-lo e conduzir o mesmo. Para todas as obras que aqui são apresentadas, utilizo nomes fictícios, batizados por mim, para conduzir minha interlocução. Os nomes reais foram preservados e respeitados.





**Pintura 01** – “Cena urbana”.

São dois os tipos de catadores de lixo, todos sabem de sua existência, mas a sociedade faz questão de ignorar: “[...] aqueles que recolhem os rejeitos diretamente das ruas ou dos usuários e aqueles que recolhem os rejeitos diretamente dos chamados lixões, em ambos os casos visando à comercialização” (PORTUGAL, 1995, p. 1).

Podemos dizer que resíduo é aquilo que sobrou de uma fabricação ou de um uso e que não mais interessa à fabricação ou ao uso. A limalha, derivada de um torno que fabricou uma peça, é resíduo, a casca da batata que descascamos é resíduo, a comida que sobrou no prato é resíduo.

O resíduo é, então, algo significando ‘o resto’. Já, o rejeito, podemos dizer que é o resíduo que foi para o lixo, isto é, sua destinação final foi decidida lixo. O resíduo não será rejeito se for dado a ele uma destinação outra que não o lixo. No geral, chama-se essa destinação de reciclagem ou de reutilização (PORTUGAL, 1995, p. 1).

Esse tipo de trabalho, ou ocupação, é oriundo dos problemas da globalização, do desemprego, da falta de capacitação; também, consequência da marginalização



que o mundo moderno impõe. “Ocupação compreende toda atividade que proporciona sustento a quem a exerce” (SINGER, 1998, p. 14).

Portugal (1995) auxilia no encontro de uma definição de catador: ele coloca duas opções, sendo que, nas duas, temos o final que é o sustento, a comercialização. Na definição de resíduo e rejeito, podemos perceber a importância do catador como sujeito autor da reciclagem, já que seus atos destinam-se a reciclar, ou reutilizar; o catador é visto como sujeito autor da reciclagem, uma vez que seus atos destinam-se à comercialização. Singer (1998) acredita que o trabalho de catador é uma ocupação que devolve dignidade, pois, normalmente, os catadores estão nessa como passagem ou como única alternativa de sustento.

### **3.2 Sócios traídos**

Obra em acrílica sobre tela, dimensão de 110 cm X 90 cm, pintada em 2002, pertencente ao meu acervo. Pinte uma carroça com o pai, mãe, filha e filho ao colo, com uma representação forte da imagem da mãe. O pai aparece somente com um braço, conduzindo a mesma, que transporta lixo e, na lateral do veículo, está escrito: “Faço frete, vendo lenha”.



**Pintura 02 – “Sócios traídos”.**

A composição que orienta esta obra é piramidal. Percebem-se duas linhas diagonais que cortam a forma retangular da tela. Também em diagonal, surge a madeira da carroça, projeta-se ao fundo uma ideia de um filme, linear, que esboça uma ligação entre os personagens e sua participação de vida. O uso de amarelo em primeiro plano, neutralizado nos outros, chama a atenção ao primeiro personagem.

Era uma velha carroça montada com restos de madeira, rodas tortas e um cavalo velho, mas sobre a mesma havia quatro vidas esperançosas, construindo e buscando sonhos. Os catadores, normalmente, conduzem toda sua fortuna, toda sua família em seus toscos carros, é a maneira encontrada por eles de se protegerem. Juntos seguem pelas ruas. Passaram anos na mesma carroça. Agora, mais um “serzinho” é conduzido; hoje mais um filho está sendo conduzido pelas ruas de nossa cidade.

O espaço tornou-se pequeno, porém, juntos, vão buscar o sustento diário. Continuo observando seus caminhos.

De pronto, ao longo da vida aprendemos sempre com o 'mundo vivido', através de nossa sensibilidade e nossa percepção que permitem que nos alimentemos dessas espantosas qualidades do real que nos cerca: sons, cores, sabores, texturas e odores, numa miríade de impressões que o corpo ordena, na construção do sentido primeiro. O mundo antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível (DUARTE JR., 2006, p. 12-13).

Estar em contato com catadores preencheu meu caleidoscópio. No contato diário, nas imagens do cotidiano, meu universo começa a transformar-se. A cada novo dia surge uma constatação que não é só visível, mas, agora, sensível, onde tudo começa a mudar. Estar no cotidiano das cidades, vivenciar imagens, cheiros e gente, é um recurso de grande impacto, pois à medida que somos tocados por elementos sensíveis, aguça em nós sua existência. Antes passava despercebida.

### **3.3 Muitos são**

Obra em acrílica sobre tela, dimensão de 90 cm X 110 cm, com colagem de jornal. Expresso seis personagens vistos nas ruas, todos com uma mesma expressão. Utilizo recortes de jornal na parte de baixo da tela.

Esta obra é composta por seis figuras, em posição vertical, tendo uma predominância de cor azul em contraste ao laranja dos cabelos. O jornal acentua as formas e complementa a composição. Todos os personagens estão com expressões visuais iguais, e há uma grande estilização formal das figuras.



**Pintura 03 – “Muitos são”.**

Neste quadro registro o meu desconforto com as diferenças de opções. Muitos comem sopa de papel, muitos não têm para onde ir, muitos são estuprados... E nós?

Esta cena retrata expressões em que se repetem os traços e não se identificam diferenças.

Eles nos observam. Apatia e questionamento. Representei vários personagens das ruas, com as mesmas expressões, para tentar dizer que poderia ser qualquer um de nós. Todo aquele que não tem opções torna-se mais um, mostrando que a origem de nosso nascimento já é um pressuposto para a caminhada. Não podemos escolher nosso lugar de concepção, nem geneticamente, nem culturalmente. Nossa concepção já é um condicionante de vida.

Magera (2003), o Instituto de Pesquisa Tecnológica (2003) e Miura (2004) relacionam o crescimento do número de catadores de materiais recicláveis com as crescentes exigências para o acesso ao mercado formal de trabalho e, também, ao aumento do desemprego. Para estes autores, alguns trabalhadores da catação constituem uma massa de desempregados que, por sua idade, condição social e baixa escolaridade, não encontram lugar no mercado formal de trabalho.

Embora a catação seja tal como a atividade de vendedor ambulante, realizada informalmente, a partir da década de 1980, os catadores começaram a se organizar em cooperativas ou associações, na busca pelo reconhecimento dessa atividade como profissão. Nos anos 1990, com o apoio de instituições não governamentais, foram promovidos encontros e reuniões em vários locais do país com essa finalidade. Novos parceiros foram incorporados, e o ano de 2001 culminou com a realização do 1º Congresso Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis e a 1ª Marcha da População de Rua (MAGERA, 2003, p. 10).

Com o fortalecimento dessas manifestações, criou-se o movimento nacional de catadores. Hoje com movimentos, cooperativas, há uma grande dimensão do contingente de gente envolvida nesta profissão. Porém, o trabalho da catação quase sempre é desfavorável ao trabalhador, pois o trabalhador catador é exposto a riscos à saúde, a preconceitos sociais, não tem acesso a leis e direitos trabalhistas, vive em condições que são extremamente precárias, tanto na informalidade de trabalho quanto na remuneração. Além disso, os catadores não têm acesso à educação e ao aprimoramento técnico. Na passagem dos dias, é sempre mais um a percorrer grandes espaços geográficos, com retorno insuficiente para lhes dar dignidade.

### **3.4 Ambientalistas do cotidiano**

Obra em acrílica sobre tela, dimensões de 90 cm X 110 cm, com textura de massa acrílica. Representei um personagem que nos observa ao lado de seu carro. À frente, coloquei sua filha que, assustada, está dentro de uma caixa de azeite, dentro do cercado do carro. Usei colagens e texturas de gesso para mostrar o relevo das grades da carroça. Também, há uma exploração do linear da logomarca do azeite de soja, que está estampado na caixa onde se encontrava a menina.



**Pintura 04 – “Ambientalistas do cotidiano”.**

Nesta obra uso cores puras, amarelo, vermelho, azul, onde faz surgir o papelão e o metal, pela diferença de textura e tom. Em primeiro plano a figura da menina, em segundo o pai, seus elementos de trabalho da práxis diária, e tudo perpassado por efeitos de luz, com cortes, diagonais em branco – recurso que se introduz na maioria das telas. É uma marca de minha técnica pictórica. Também estilizo as figuras, dando ênfase ao que está sendo valorizado e sumindo o que considero uma complementação. Um exemplo disso, na obra, é o rosto bem definido da menina e seu corpo que se confunde com o fundo.

Observam-se muitos pais que conduzem seus filhos em carretas, não lhes restando outro lugar para deixá-los. Logo, é melhor conduzi-los no lixo e protegê-los.

Na ocasião do encontro, pedi para fotografar a cena, mas fui proibida pelo pai. A permissão só foi dada quando o pai retirou sua filha do carro e deu a mão para a mesma. Agora, com grande pompa, ele disse: “- Pode tirar a foto.”. Mas a imagem guardada não está na foto, e sim no imaginário, pois com minhas lembranças refiz o cenário que se produziu na tela.

A permissão da criação nos leva por caminhos que assumem o condicionante da percepção. A obra criada é um produto de meu imaginário, que me conduziu a ver o momento sentido e não o visível. O referencial imagético da foto serve somente como auxiliar. Complemento que este referencial são todos os ícones da cena: o carro, o lixo, a caixa de azeite, as pessoas e o fundo. Todos os elementos clássicos de inspiração visual presentes em uma obra figurativa realista fazem parte desta imagética. O que fica, realmente, é o meu envolvimento. As emoções são condicionantes da vida humana; nesta criação uso meu imaginário perpassando o visível.

### **3.5 Catador de sonhos**

Obra em acrílica sobre tela, dimensão de 90 cm X 110 cm. Representei um personagem em três momentos: juntando, segurando e segregando seus achados.

Usei cor fria na roupa e represento, com ênfase, os sacos de lixo que são antigos sacos de adubo. Fiz colagem na parte superior dos sacos. Há uma predominância de movimento pelo uso da linha diagonal na figura. Também, na parte baixa da obra, vê-se uma repetição de linhas verticais que seguram e fortalecem a composição. Concluindo o todo compositivo, torna-se trapezoidal.





**Pintura 05 – “Catador de sonhos”.**

Por dias segui este andarilho, maltrapilho, com duas calças sobrepostas, nádegas de fora. Defecava nas esquinas, urinava nos semáforos, sem noção do mundo que o rodeava.

Era apelidado de “Bin Laden” pelo povo da cidade que o conhecia da rua. “Bin” saía a catar com dois sacos brancos de ráfia. Naquele dia, ele catava chicletes do chão, papel e tudo o que encontrava. No fim do dia, com os sacos preenchidos, ele seguia para um terreno com jardim limpo, na avenida principal de Carazinho, e sobre ele atirava seu lixo. Posteriormente usava os sacos como travesseiro e ia dormir nas escadarias da prefeitura ou nos degraus do Banco do Brasil. Encontrei esse personagem, também, seguindo a pé de Carazinho para Passo Fundo. Soube, posteriormente, que ele trafegava entre o hospital Bezerra de Menezes em Passo Fundo (que atende pacientes psiquiátricos) e as ruas. “Bin Laden” perdeu a noção das horas, dos dias. Cata por catar. Para ele, só resta catar sonhos.



*Na imundície do pátio,  
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,  
Não examinava, nem cheirava:  
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão.  
O bicho, meu Deus, era um homem.*

Manuel Bandeira, **O Bicho**

(Rio de Janeiro – 27 de dezembro de 1947)

Manuel Bandeira, nas suas criações de poemas, já nos coloca perante o problema social da fome e do desemprego. Como aceitar a cena de um ser humano se alimentar no lixo? Nossa existência deveria ser marcada por dignidade, por opções. Na sua obra, ele faz um grito de alerta aos problemas sociais.

Estamos nos referindo aos andarilhos; aos loucos de rua; aos catadores de papel, de lixo, de restos a reciclar, que carregam seus carrinhos movidos a tração humana, verdadeiras carroças; aos que moram nas ruas, debaixo dos viadutos, que ocupam os não-lugares, e que, por vezes, e apesar disso, tentam construir nesse mínimo espaço algo que vagamente se associe ao cenário de uma casa, com seus objetos pessoais, cachorros, sofás, pertences. O termo *homeless* (sem-lar) é o que parece chegar mais próximo dessa ideia, visto que abrange não só o segmento dos sem-teto, como, também, traz consigo a ideia da fragilidade daqueles que vivem nas bordas, nas beiras, nos limites do espaço público. São nômades e miseráveis que perambulam pela cidade, pedintes, desempregados ou subempregados (QUINTÃO, 2008, p. 104).

Estes andarilhos foram os personagens encontrados diariamente no percurso da pesquisa, como é o caso de Bin Laden. Existem muitos. Nossa sociedade tem um grande resgate social a realizar. Eles, em seus devaneios, suas carências, nos colocam em cheque todos os valores de uma vida. A ideia do *homeless*, na

abrangência do termo, é a significação deste ser; nada tem a fazer, a perder, a construir, ele não é visto, ele é nada.

### 3.6 Trono de papel

Pintura em acrílica sobre tela, dimensão de 90 cm X 110 cm, onde surge uma menina, pintada com expressão de sorriso, que nos olha e, no ato, está colocando uma casca de banana no saco de lixo que está dentro do carro. O carro é de grades e a menina se encontra dentro dele.

Composição centralizada, em forma de triângulo, acentuando ao espectador a presença da imagem. As linhas diagonais das grades direcionam o olhar para o centro da composição. A cor predominante é o amarelo, com contraste acentuado pelo fundo azul.



**Pintura 06** – “Trono de papel”.

Foi muito onírica a visão que tive de Joana. Ela era conduzida por seu pai num imenso aramado que, puxado por ele e auxiliado por duas rodas, formava o

carro de sustento. Momento inusitado, pois, vendo-os passar, o instinto de mãe, da artista, de ser humano, fervilhou.

São seres humanos, mas conduzidos dentro de lixo. Segui e questionei sobre o motivo de levar a filha dentro da carroça. O pai responde: “Aqui, Joana fica protegida. Se eu deixar onde moro, ela será violentada ou machucada”. Disse ainda: “Eu tinha um cachorro que dançava chote. Foi morto por meus vizinhos. O que será de minha filha? Antes no meio do lixo, mas segura ao meu lado”. Neste momento, uma confirmação: o trono de papel é o círculo de segurança e proteção que envolve a paternidade consciente, movida por anos.

Ainda, naquilo que a pesquisa leva a aprender, Joana descascou uma banana e, calmamente, sorrindo, colocou os dejetos dentro de uma sacola plástica. Fica-se a pensar no quanto temos que aprender com eles. Estando no lixo, segregam o lixo.

Como a principal característica da biosfera é sua capacidade intrínseca de manter a vida, uma comunidade humana sustentável deve ser planejada, de modo que os estilos de vida, negócios, atividades econômicas, estruturas físicas e tecnologias não interfiram nessa capacidade da natureza de manter a vida (CAPRA, 2004, p. 20).

No contato diário com pessoas das ruas, constatações ecológicas foram sendo aglutinadas. Nós, humanos cultos, temos que aprender ensinamentos ecológicos com transeuntes de ruas. Eles nada têm, mas eles tudo aproveitam, reaproveitam e transformam. Meus dias foram se tornando mais intensos. Em cada contato, acerbavam-se informações e exemplos de vida.

### **3.7 Raio de sol**

Pintura em acrílica sobre tela, dimensão de 90 cm X 110 cm, com representação de duas crianças dentro de uma carroça: ele, com bico (chupeta) na boca; ela, segurando uma sacola plástica e nos observando. Sobre os mesmos, bate um raio de sol.

Composição com duas imagens, posição vertical; as mesmas estão escoradas na parte de baixo da tela. Há uma profunda pesquisa de texturas, imitando; também com colagens de sacolas plásticas. Os elementos complementares são texturas de caixas de papelão. Há, nas figuras, um olhar de desconfiança, assustado. Toda a tela é perpassada por linhas amarelas, dando a permissão da cor solar a banhar a composição.



**Pintura 07 – “Raio de sol”.**

Consciência, curiosidade e indignação fazem o trabalho continuar. Seguindo os catadores, encontrei Pedro e Laura. Estando em meu atelier, olhando para a rua, vislumbrei uma carroça. Nela estava escrito: “Faço frete e vendo lenha”. Em seu interior, duas crianças assustadas observavam os transeuntes. Essa imagem me aproximou deles.

Pedro, de boné, bico cor de rosa na boca, devia ter uns seis anos. Olhava assustado, questionando a minha presença. Laura estava com uma camiseta da seleção brasileira, penteada, de coque, observando.

Tentei conversar com eles, mas nada consegui, não rendeu frutos. Assustados, seguiam os meus movimentos. Passados alguns momentos, chegou

uma senhora e apresentou-se como avó dos dois, dona Ana. Ela contou que seus netos viviam com ela, dependiam dela, pois sua filha havia fugido para se prostituir.

Olhando para aquelas crianças, instala-se uma constatação: resta esperança, pois um raio de sol batia em seus rostinhos, iluminava suas frentes. Imagem inesquecível. Posteriormente, foram pintados como em um filme, onde os mesmos são protagonistas da vida real. “*Raio de sol*” é um símbolo de possibilidades, janelas descerradas, sensibilidades escancaradas. Sob o ponto de vista psicossocial, MIURA (2004) afirma que se tornar catador é sentido como fonte de dignidade e modo legítimo de obter renda. É uma atividade que faz do excluído um trabalhador inserido no mundo do trabalho, diferenciando-o do mendigo ou vadio.

A rotina da vida dos catadores é impulsionada pela necessidade de sobreviver, alimentar-se, de dizer: sou gente. Na grande maioria, são seres humanos com pouca escolaridade, sem conhecimentos técnicos para assumir outras opções que o mercado de trabalho exige.

Insatisfeita, sensibilizada com esses encontros, encontrei um novo protagonista em meu caminho.

### **3.8 Meio dia**

Obra em acrílica sobre tela, dimensão de 90 cm X 110 cm, colagem de corda, represento um menino com sua carreta, em duas partes, duas ênfases visuais, onde o que saliento é o pastel que está nas mãos do catador.

Pintei um catador centralizado no meio da tela, formando um triângulo. Nas laterais da obra aparecem partes do carro que aqui representei com suas grades. Na direita, há um universo mais intenso de cores; também, colagem de barbante oriundo do encontro com o catador. Na parte central da tela surge a imagem do pastel que se destaca nas mãos do menino. Elementos do carro, rodas e braços também são pintados.



**Pintura 08 – “Meio dia”.**

Final de tarde, num dos trevos da cidade, visualizei uma imensa carroça puxada por um menino de 14 anos. João seguia com seu ritmo lento, com passos cansados de quem já percorreu de 14 a 20 km no dia. Ao avistá-lo, uma triste certeza: no meio do cheiro forte dos dejetos, João puxava sua carroça, comendo um imenso pastel. Ao pintar essa imagem, mostro minha indignação e surpresa em ver um menino, comendo pastel no meio do lixo, e feliz.

A cena despertou-me o desejo de procurar os galpões de recebimento do lixo, a fim de saber quanto os catadores ganhavam com sua sina diária. Na época eles recebiam entre três e quatro reais.

A conclusão desses dados é dura: João, no momento, comemorava o feito de, no final de uma jornada de trabalho recolhendo lixo, poder comprar dois pastéis, que custavam 1,50 reais cada um.

Comemorar, viver, sobreviver com dignidade, esse era o momento. Meio dia.

Os contatos diários com catadores, a nítida noção de sua existência, foram acrescentando valores ecológicos e educacionais em minhas obras. Sensibilidade que abre janelas e não pode almejar futuro se não fizermos acordos de sustentabilidade no presente. Por sustentabilidade, Trigueiro (2003, p. 348) entende, o “desenvolvimento que atende às necessidades do presente, sem comprometer a capacidade de as futuras gerações atenderem às suas próprias necessidades”.



Viver é, também, compartilhar. Assim, necessitamos de uma nova postura perante o universo, ou seja, sermos seres humanos conscientes do papel que devemos desempenhar como mantenedores de uma raça e de um planeta. Nosso condicionamento ecológico deve ser associado à educação, formando um preparo sustentável.

### 3.9 Burro sem rabo

Pintura em acrílica sobre tela, dimensão de 90 cm X 110 cm, onde se visualiza um homem, conduzindo seu carro pelas ruas da cidade, observando, catando, e sendo visto em três ângulos distintos.

Obra figurativa, com três momentos de um mesmo personagem: ao fundo, pequeno, ao centro com o peso compositivo, carro cheio de dejetos, e à esquerda da composição, o catador ampliado, observando o espectador.



**Pintura 09** – “Burro sem rabo”.

Nesta fase do trabalho passei a relatar, para alguns amigos, minha experiência nos tantos encontros com os trabalhadores que catavam, guardavam e

organizavam seu lixo. Um desses amigos lembrou a obra de Rubem Braga, em um poema que denominou “*Burro sem rabo*”, comparando a indignação da artista à deste poeta.

Houve sintonia nesse diálogo e, de fato, “*Burro sem rabo*” é algo como: todos nós carregamos fardos que não são nossos, problemas com familiares, irmãos, cônjuges, filhos, etc. Isso me inspirou e, nesse momento, criei a obra que retrata três momentos de um catador. De frente, de lado, e a conduzir seu carro. No momento que pintei esta obra, fui invadida pelo orgulho desses seres, que, com dignidade, com bravura, carregam todos os dejetos de uma sociedade, transformam isso em algo útil que favorece sua sobrevivência. Não estão roubando, estão vivendo com nosso supérfluo, nossos dejetos. “*Burro sem rabo*” enaltece homens e mulheres que, de sol a sol, fazem com que se veja a vida e se vejam os homens e a nós mesmos de forma diferente.

Representar esta obra foi permitir que eu mesma me visse como uma catadora: reciclando o próprio lixo, minha história e a dos outros, tentando viver melhor.

Emprestar sentido – ao mundo – depende, sobretudo, de se estar atento ao sentido – aquilo que nosso corpo captou e interpretou no seu modo carnal. O sentir – vale dizer, o sentimento – manifesta-se, pois como o solo de onde brotam as diversas ramificações da existência humana, existência que quer dizer, primordialmente, ser com significação (DUARTE JR., 2006, p. 130).

Em Duarte Jr. (2006) a constatação, o homem é sua realização existencial, aquela que dá sentido a vida.

Sentir o mundo em que vivemos é, também, interagir. Quando o homem se envolve emocional e sensivelmente, ele acaba colocando algo de si. Estar alheio ao processo vital é esquecer-se do por que aqui estamos: neste lugar, nesta viagem chamada vida.

### 3.10 Domingo



Pintura em acrílica sobre tela, dimensão de 90 cm X 110 cm. Represento personagens em uma carroça, com um guarda-sol encimando a cena. Os personagens olham para o espectador.

Composição de forma horizontal, aparecendo dois momentos da cena: uma, em último plano, outra, com aproximação e ampliação. Explicito aqui que é uma constante formal de minhas composições, a repetição. A mesma faz com que nossos olhos vejam tudo, mas volte-se para o elemento maior, o coração da obra. Nesta cena urbana, os personagens trafegam pela cidade, protegidos por um guarda-sol azul. Este é um marco protetor, ele fecha a composição, formando um círculo compositivo.



**Pintura 10 – “Domingo”.**

Dia de sol, dia de descanso, e os catadores estão a passear.

Encontrei uma família reunida em uma carroça, andando pela cidade com um imenso guarda-sol azul. Fiquei espantada com a cena. Parei, fotografei e conversei com Dona Ana, avó de Pedro e Laura – personagens da obra *“Raio de sol”*. Ela estava ao lado de seu marido, conduzindo seus netos e amigos. Nesse momento, já partilhava de certa familiaridade com esses personagens, em função das outras

obras, e comentei com Dona Ana que era lindo vê-la passeando com seus familiares. Inevitavelmente associei a cena aos meus domingos e aos domingos de todos nós: domingos de encontros, lavar carro e sair a passear.

Mas a dura realidade de Ana é outra. Ela disse: “É dona, a fome que ronca no estômago é grande, melhor passear e esquecer [...] Tenho que passear. No domingo não tem o que catar, então não tem o que comer.”

Assim, pois, encontra-se em Alves (2004, p. 12) a iluminação para pensar que “o impulso criativo nos vem, quando sentimos que algo está faltando [...] Criamos para curar nossa infelicidade”.

A experiência nesse processo é inexplicável. Não sei se posso delimitar o que me levou como artista a olhar com olhos tão grandes para esses trabalhadores esquecidos. O que sei é o quanto cresci como ser humano, ser sensível.

Terminada essa fase de pesquisa da imagem criativa, que foi batizada de série “Catadores de Sonhos”, fui consultada se seria possível usar o nome de minha série na cooperativa de catadores que se formava em Carazinho. Estes, os catadores, afirmaram para mim que esse era o único nome digno que eles acharam para encampar no grupo de trabalho que estavam constituindo. Obviamente que a permissão foi dada.

Desde então, a série já viajou por várias cidades, foi inspiradora para várias campanhas de reciclagem, serviu de motivação para várias escolas em projetos de reciclagem, bem como em projetos de educação ambiental e outros que visavam otimizar a utilização do lixo na comunidade

A série, no ano de 2006, esteve, em parte, exposta no Algarve, em Portugal, e na Universidade Autônoma de Lisboa. No retorno das obras a Carazinho, muitas são as exposições e visitas à coletânea, ainda pelas pessoas da cidade e região.

Vivemos imersos em um mundo onde não nos permitimos sonhar. Vivenciar essa experiência é constatar que criatividade é oriunda da necessidade. É possível se fazer educação do lixo.

Na sociedade atual não há espaço para todos. Refiro-me aqui aos problemas sociais que enfrentamos com nossa evolução. Faltam consciência e seriedade dos governantes para mudar esta realidade. “A liberdade traz muita confusão à cabeça [...] Melhores são as rotinas que nos livram da maçada de ter que tomar decisões sobre o que fazer com a liberdade” (ALVES, 2004, p. 100).

A série criada, fez com que eu me comprometesse com ela. Minha fala foi sensibilizada, não pude mais fazer como a maioria faz: não ver. Esse enxergar, que acredito em minha obra, é ver com olhos do coração; justifica-se pelo sensível que é aflorado.

Neste país com índices alarmantes de miséria, diariamente vamos também treinando para não encarar de frente, nos semáforos e nas vias expressas margeadas por favelas, toda a degradação humana que nos cerca. O mal vai sendo 'banalizado', ao ponto de sequer notarmos as suas manifestações junto a nós, em crianças famintas e maltrapilhas, em desempregados que esmolam, em sem teto pedindo auxílio etc. (DUARTE JR., 2001, p. 97).

Este “não ver” nos brutaliza; como artista, meu territorial criativo é invadido, mexido. A obra “Catadores de Sonhos” surgiu de um momento de desconforto, de horror em ver um ser humano comendo lixo. Se eu nada fizer, serei mais uma a me conformar com a vida no lixo.

Trabalhar com pessoas que fazem do lixo seu suporte de sobrevivência gera, em nós, certo estranhamento. Estranhamento este que, para Achutti (1997, p. 23), “indiferente de produzirmos lixo é não viabilizarmos nosso cotidiano com ele”.

Na continuidade mostrarei os resultados da análise documental que me influenciaram a olhar esta série de pinturas como objeto passível de fazer educação.

#### **4 EDUCAR ATRAVÉS DE IMAGENS**

Busco descrever os elementos comuns nos depoimentos encontrados e discuti-los de acordo com a literatura consultada, quando foi possível extrair as três categorias temáticas que são o norte desta discussão, a saber: promoção de conhecimento, educação do sensível através das imagens e educação estética e socioambiental.

As categorias que emergem dos depoimentos encontrados possibilitam agrupar os temas comuns referentes ao meu objeto de estudo, e permite aprofundar as opiniões e constatações documentais. Passarei, a seguir, a apresentar cada uma destas categorias temáticas, buscando relacionar os documentos encontrados ligados a cada um destes assuntos e, em seguida, a discussão e compreensão referente a cada um destes elementos, quando me apoiarei nas ideias dos autores citados e das fontes documentais.

#### **4.1 Promoção de conhecimento**

Todo saber, seja ele advindo da escola, da educação informal, ou da não-formal, como já abordei nesta pesquisa, soma na formação do sujeito, auxiliando na sua emancipação como ser completo, capaz de tomar suas decisões, de criticar e de buscar fazer o seu melhor. Esta vai ao encontro do que Alexemberg (2008) diz sobre a educação holística que esta fundamentada na premissa de que cada pessoa encontra significado na vida através das ligações com sua comunidade, com o mundo natural.

Esta educação holística possui uma visão do todo, do ser completo, muito semelhante ao paradigma emergente antes referido. Ainda, se cada pessoa encontra o sentido da vida através das relações com a comunidade, vale a pena destacar um dos depoimentos coletados, que se refere a uma visita que os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Cônego João Batista Sorg fizeram a d'Arte Galeria, conhecendo a série de pinturas "Catadores de Sonhos". A professora Marcia Siqueira, que atendia as nove turmas do Ensino Médio, cujas idades variavam entre 14 e 18 anos, resolveu propiciar aos alunos uma oportunidade de

conhecer a realidade local, com o objetivo de facilitar a sua compreensão do contexto social vigente.

*“Nós estávamos estudando os grandes nomes das artes, dentre os quais, as obras de Salvador Dali, e então, pensamos em estudar os nossos artistas,”* disse a professora. De volta à sala de aula, foi realizado um debate do qual resultou uma série de memórias expostas no hall de entrada da escola, de releituras da série *Catadores*, utilizando técnicas de pintura e colagem. Posteriormente os trabalhos foram expostos para visita pública. Neste artigo há muitos depoimentos de alunos, todos dando sua opinião sobre o trabalho (LIXO..., 2002, p. 12) (ver Anexo A).

Para Carolina Gonçalves, de 14 anos, aluna presente nesta visita, o número de catadores foi surpreendente: *“a gente achava que eram uns cinco, mas ficamos sabendo que são 110, isto que este número é do mês passado!”*. Michele Faryl, também de 14 anos, compreendeu que este é um trabalho digno como todos os outros e que precisa ser valorizado. *“É uma experiência de vida, algo que se via e não se dava importância”*. Já força de vontade foi destacada por Natiele Leite, neste mesmo artigo de jornal, quando diz que percebeu as adversidades a que os catadores se submetem para poder sobreviver, principalmente, recebendo pouco dinheiro, insuficiente para garantir a própria alimentação (LIXO..., 2002, p. 12) (ver Anexo A).

Tânia Marisa Eberhart, psicóloga e empresária, em seu depoimento na imprensa local, faz referências à poesia e à obra *“Catadores de Sonhos”*, e cita: *“Sacudida pela revelação súbita de caos, dor e luz, a artista aponta seus pincéis – consciência sobre nossa policrômica indiferença à exclusão social”* (EBERHART, 2002, p. 2) (ver Anexo B). É visível a percepção da mesma quanto à força e à direção social que a obra conduz. A autora posiciona sua atenção a consciência da obra, portanto, a valorização da mesma.

Analisando o editorial da Revista *Ecos de Família*, publicação da Escola de Pais do Brasil (ESCOLA..., 2002, p. 3) (ver Anexo C), há uma referência significativa a questão da promoção de conhecimento que pode se conectar aos *“Catadores de Sonhos”*. A alusão que se faz é relativa à capa usada pela mesma: usando a obra *“Raio de sol”*. Há, no texto, um agradecimento que diz: *“sua obra que além de linda tem aquele apelo social que nos enche de vontade de semear o amor e a solidariedade por este mundo afora”*.

Pode-se depreender a partir deste depoimento que todo conhecimento pode ser usado, incorporado como um exemplo de aprendizagem. Em Vygotsky (2006 apud KOHL, 1997) há uma grande significação para o embasamento deste documento, pois ele analisa a aprendizagem como uma apropriação de espaços cognitivos, afetivos e sociais, feitos pelo próprio sujeito; e, também, a pessoa aprendendo somente quando faz relação com as informações que fazem sentido para ela. O aprendizado leva ao desenvolvimento, que é uma condição para a vida, vida que se quer com valor, sentido.

Abdel Tamimi assina uma matéria intitulada “*Voluntária pela Educação e Cultura*” (TAMIMI, 2002, p. 8) (ver Anexo D); o autor cita que esteve na d’Arte Galeria e assistiu a uma palestra. Tal palestra foi feita para alunos da Escola Estadual de 2º Grau Cônego João Batista Sorg, e, anteriormente, eu havia feito palestras para as escolas, Nossa Senhora da Glória e Escola Érico Veríssimo. No texto, o autor disse: “*sua atitude foi nobre por focalizar o assunto sobre Ecologia e Patriotismo. O que me deixou maravilhado foi ela ter abordado o assunto sobre diversas classes sociais, sem distinção*”. Tal artigo conclui colocando que a artista seria uma “*verdadeira voluntária de educação e cultura*”.

De fato, tal depoimento implica em reconhecer a possibilidade de prover conhecimento através da arte. Afinal, educar é uma responsabilidade que transcende a leitura, a escrita, o cálculo; significa o pleno desenvolvimento das funções mentais e a aquisição de conhecimentos, bem como valores morais; também, a adaptação a vida em sociedade.

O ofício n.º 001/04, da Associação Catadores de Sonhos de Carazinho (ASSOCIAÇÃO..., 2004) (ver Anexo E), entidade que congrega os catadores de papéis de Carazinho, sem fins lucrativos, fundada em 12 de junho de 2003, foi assinado pelo presidente Luis Carlos Noll. Depois de um ano de existência da série, muitas falas e exposições, recebi na Galeria a visita do presidente da Associação dos Catadores de Carazinho, quando trouxe a informação saída de uma reunião daquela associação. Na referida reunião haviam firmado os estatutos da associação e, faltava um nome para batizar a mesma. Segundo informação do presidente, por unanimidade, optaram em batizar a associação pelo nome de *Catadores de Sonhos*, dizendo ser este o único digno da mesma. Soube, ainda, que na referida reunião falaram que deveriam pedir minha permissão, por ser a artista que havia criado a obra. Portanto, no dia 10 de fevereiro de 2004, no Serviço de Registro Civil de



Pessoas Jurídicas, lavrou-se o registro da Associação Catadores de Sonhos, de acordo com a Lei nº. 6.015, de 1973. Vê-se, assim, a arte repercutindo no cotidiano.

A arte é uma forma de conhecer e representar o mundo. A educação organiza o conhecimento privado em relação às formas públicas de representar o mundo. Isso significa que, por meio da arte na educação, pode ser possível aliar duas formas de representar o mundo, ou o conglomerado de representações complexas e de difícil articulação (HERNANDEZ, 2000, p. 129).

A arte atua como sendo um suporte, uma união entre os meios de expressão. Hernandez (2000) aponta a abrangência da arte e valida a aceitação dos catadores em verem na arte seu aporte de valor, se identificarem com a mesma. Através da arte flui um conhecimento da significância de seu trabalho cotidiano.

O artigo Lição de Educação Ambiental (ZOOM, 2004, p. 2) (ver Anexo F) descreve o trabalho de catadores que fazem parte da Associação Catadores de Sonhos, que trabalharam no Parque Vali Albrecht de Carazinho, para a Expocar (Exposição Industrial e Comercial de Carazinho). O diretor de coleta da prefeitura, Sérgio Lauxen, destaca que o trabalho foi gratuito, apenas em troca de material recolhido. O mesmo cita que eles trabalharam muito para retirar todo material reciclável do parque. Ainda, Lauxen cita que os catadores *“lucraram com a coleta e a população saiu ganhando com um parque limpo, já que nem sempre a conscientização é o bastante”*.

No Jornal O Nacional, de Passo Fundo, foi publicado o artigo *“Catadores de Sonhos” – A arte por trás do lixo* (CATADORES..., 2003, p. 7) (ver Anexo G). Este artigo faz uma referência à exposição realizada no Shopping Bella Città no dia 25 de maio. O artigo diz que os catadores aprenderam a gerar venda do lixo. *“O trabalho de Ilse Ana foge da superficialidade a estética para alcançar a interpretação da mensagem. Prova disso foi o convite feito a um sociólogo, um historiador e um psicólogo para analisar as obras”*. O depoimento faz referência as possibilidades que a obra vem conquistando.

Na análise do artigo *“Catadores de Papel”* (CATADORES..., 2002, p. 6-7) (ver Anexo H) há dados trazendo referência ao modo do ser humano sobreviver. O artigo

faz referência a profissão dos “Papeleiros”, e seu surgimento exacerbado nos anos 90 como, principalmente, uma das consequências do desemprego.

Neste artigo observam-se depoimentos dos vários catadores, e alguns utilizaremos a seguir em nossa análise. Temos, pois, o de *“Carlos Alberto Dutra (48), que há três anos enfrentou uma das piores situações de sua vida”*. Desesperado por estar desempregado da empresa de construção de rodovias em que trabalhava, achou como meio de sobreviver sair às ruas para não deixar sua família em pior situação. Saía toda manhã às quatro horas da madrugada em busca de matéria-prima. *“Eu carrego dois carrinhos cheios por dia. Tem dias que minhas costas ficam muito doídas, mas não posso desabar”*, este é o lamento do papeleiro que anda, em média, 20 km por dia, de lado a lado na cidade. *“O que eu ganho no final do mês, quase não dá para a comida. Como na minha idade é difícil conseguir outro emprego, acho que vou envelhecer nas ruas, revirando latas de lixo”* (CATADORES..., 2002, p. 6) (ver Anexo H).

Carmelita Fátima Santos dos Santos, 43 anos, papeleira há seis anos, conta ao Diário de Manhã que sustenta uma família de seis pessoas. Ela tem o marido doente, têm dois sobrinhos, o filho e o enteado para sustentar. Carmelita diz: *“Assim vai se levando a vida. Fazer o que? Os filhos querem comer, serviço a gente não encontra, então tem que pegar papel”*. Ela continua contando sua sina, que começa às sete da manhã, mas retorna ao meio-dia, pois tem que preparar o almoço, encaminhar o filho à APAE, e encaminhar os sobrinhos para a escola. A mesma tece comentários sobre sua triste vida, das dificuldades que enfrenta (CATADORES..., 2002, p. 7) (ver Anexo H).

Outro depoimento encontrado neste artigo é o de Luis Carlos Noll, 36 anos, que está neste ofício há nove anos (CATADORES..., 2002, p. 7) (ver Anexo H). A firma de reciclagem que trabalhava faliu, ele fez acordo para sair. Desde lá, não conseguiu mais trabalho formal. Sonha em ter um emprego, carteira assinada, para poder sustentar melhor seus cinco filhos e a esposa. Luis Carlos comenta: *“Não quero que nenhum de meus filhos siga esse caminho que eu tive que seguir, por isso eu quero que eles estudem e tenham outro caminho, não quero que sejam que nem eu”*.

No documento encontra-se o depoimento de Francisco dos Santos, de 50 anos, que comenta que com a quebra de sua pequena propriedade no campo, vai para a cidade, torna-se catador. *“Estamos aí peleando há mais de três anos, mas*



*parece que está cada vez pior para se viver*” (CATADORES..., 2002, p. 6) (ver Anexo H). Como a situação está muito difícil, com o crescimento do número de catadores, este entrevistado afirmou ao jornal que já pensa em voltar para o campo.

Posso observar, em cada um destes depoimentos, uma constatação: sobrevivência e dignidade impulsionam estes seres a buscar, na catação, amparo e subsistência. Denoto, também, o impacto do contemporâneo atravessando as relações de trabalho e as relações humanas. Talvez a arte contribua para estimular estes olhares sobre o cotidiano.

Não tem como não ver o signo ambiental objetivamente associado ao seu trabalho, condizente com uma atuação que atenua e ou posterga a utilização da matéria-prima, e que no retorno ao ciclo de produção, poupa recursos hídricos e alivia a pressão sobre a matriz energética brasileira (WALDMAN, 2008, p. 20).

Neste pensamento conduzo o olhar para o papel do reciclador, consciente na atividade de catador.

A obra de Sheila Kocourek tem na capa a foto da obra *“Raio de sol”*, da série *“Catadores de Sonhos”* (KOCOUREK, 2009) (ver Anexo I). Também, colhemos uma evidência documental num agradecimento inicial, na introdução e nas considerações finais. A obra é resultado da tese de doutorado em Serviço Social da autora. Este livro utiliza esta imagem que foi escolhida pela autora, ainda na época de sua defesa de doutorado, como um meio imagético e estético de traduzir a realidade dos menores de rua em Carazinho, tema de sua tese. A autora comenta, na referida obra: *“[...] a artista carazinhense foi cuidadosamente escolhida por expressar em suas obras o espírito do povo local, traduzindo o palco de possibilidades no qual a população de Carazinho – RS está imersa”* (KOCOUREK, 2009, p. 11) (ver Anexo J).

Sheila Kocourek refere, ainda: *“O quadro os ‘Raios de sol’, que abrem esta obra, representa, [...], toda a população de crianças e adolescentes brasileiras. Não apenas por representar o segmento populacional que está em estudo, mas também por fazer parte da Série “Catadores de Sonhos” e por ser de autoria da artista plástica carazinhense Ilse Ana Piva Paim”* (KOCOUREK, 2009, p. 11) (ver Anexo J).

Estes depoimentos, mais uma vez, evidenciam que a série “Catadores de Sonhos” vem favorecendo a promoção de conhecimentos, e que estes acabam sendo interdisciplinares. Vinculam arte com outras áreas do conhecimento como é o caso do Serviço Social.

Posso, ainda acrescentar o depoimento de Sheila Kocourek, nos agradecimentos de seu livro (KOCOUREK, 2009, p. 7) (ver Anexo K): *“A respeitosa artista plástica Ilse Ana Piva Paim, uma militante no campo social, sensível as diferentes formas de desenhos que as expressões da questão social tomam, agradeço pela gentileza de ter cedido a imagem da obra ‘Raio de sol’ que integra a Série Catadores de Sonhos, mas também pelas inúmeras discussões e interpretações do ‘espírito do povo’ carazinhense”.*

Ou seja, os quadros acabam por sensibilizar as pessoas, que os conectam às suas áreas de estudo, fazem pontes entre o que o autor experimenta e permitem que outros experimentem novas configurações a partir do material estético.

Os documentos até aqui analisados buscaram ligar a possibilidade de a arte ser capaz de produzir conhecimento e, assim, avivam a memória estética.

Passaremos, agora a analisar a próxima categoria temática, buscando relacionar a possibilidade de educar para o sensível, através da série de documentos adicionados a pesquisa.

## **4.2 Educação do sensível através de imagens**

Garimpando os documentos, encontrei o artigo *Lixo Reciclável* (LIXO..., 2002, p. 12) (ver Anexo A), evidenciando que através da série “Catadores de Sonhos”, alunos da Escola Sorg de Carazinho foram motivados a construir obras próprias e a multiplicarem a descoberta sobre a importância do trabalho e as dificuldades porque passam os catadores de papel. Neste documento a professora Márcia, comenta que: *“o trabalho da artista que mais chamou a atenção dos alunos foi o quadro ‘Meio-dia’ que demonstra um garoto fazendo uma das refeições de um dia normal com um pastel cujo preço é o equivalente ao montante arrecadado em um dia inteiro de coleta de objetos recicláveis: R\$ 2 (dois reais)”.*

Este depoimento atesta a possibilidade da série contribuir para a

sensibilização dos fenômenos sociais que afetam a todos nós.

Nesta mesma linha de pensamento, selecionei outro documento para análise, que é uma fala de Tania Marisa Eberhart (EBERHART, 2002, p. 2) (ver Anexo B), quando expõe que: *“Em cada tela se adensa um mundo de impossibilidades, janelas fechadas e portas cerradas que denunciam a textura áspera da teia que nasce da luta para não morrer hoje, não morrer amanhã, simplesmente não morrer [...] No abismo de luzes, homens, mulheres, crianças, quem sabe tenhamos que lembrar que são gente, perambulam ávidos em toscos carros, catando ilusões de papel, papelão, plástico, frascos, fardos, um pouco de comida, por que não? São mãos inacabadas e disformes que, sem poder se apropriar de suas próprias vidas, se apropriam do excesso de nosso cotidiano. Resta-lhes ser e ter a sobra da sociedade”*.

Aqui, a relação está condicionada ao foco da obra, a escolha dos motivos, o olhar da artista. Mostra, ainda, o pouco que resta a estas pessoas. Vê-se aqui a força do tema social, a força dos ícones apresentados. Aparece, neste texto, a citação de Ferreira Gullar: *“O homem não faz poesia para sair da vida, ele faz poesia para ter coragem de viver”* (2002, p. 3). Evidencia-se a minha convicção deles serem catadores de sonhos, viver do pouco que nosso resto lhes acessa.

Dando seguimento a Análise dos Documentos, no editorial da Revista Ecos de Família, publicação da Escola de Pais do Brasil (ESCOLA..., 2002, p. 3) (ver Anexo C), há uma referência significativa sobre a obra *“Catadores de Sonhos”*. A referência vem ligada a capa da revista que, justamente, utiliza uma das obras da série, no caso, *“Raio de sol”*. O editorial traz que: *“Assim como todos nós, catadores de felicidade, cidadania, de um mundo mais justo, olhamos para a obra de Ilse e nos ‘achamos’, cada um ao seu modo, ora indignados, ora esperançosos, pois podemos ver na atividade de catadores o germe do trabalho digno, útil à sociedade”*.

Este documento denota elementos fortes de sensibilização, evidenciando, antes de tudo, uma valorização da classe de trabalhadores catadores. Implica, de fato, em observar que as imagens ajudam a sensibilizar as pessoas para o que se passa ao nosso redor; as imagens ajudam a traduzir preocupações comuns, como se o artista falasse em imagens aquilo que o povo fala com *“outras palavras”*, mas que acaba comunicando a todos em um dado momento histórico.

No documento temos, ainda, o trecho: *“podemos vislumbrar uma com conscientização política aos que catam, aos que olham, aos que se beneficiam do*

*processo, enfim, podemos ‘olhar’ e tira nossas lições de cidadania” (ESCOLA..., 2002, p. 3) (ver Anexo C).*

O texto em questão nos permite observar a preocupação daquele grupo com o tema dos catadores, e que houve uma identificação da mesma com as imagens, como se as imagens permitissem que as ideias do artista pudessem ter outra repercussão, sendo ampliadas por este outro que faz uma nova percepção do processo e, assim, amplia a visão da realidade. Arte como estímulo, arte como algo que denuncia em cor e imagem o que outros denunciam com voz, com texto, com trabalho e com política, ou com todo o sensível que há em nós.

Ainda, nesta linha de pensamento podemos acrescentar o documento assinado por Abdel Tamimi (TAMIMI, 2002, p. 8) (ver Anexo D) que, ao descobrir a série “Catadores de Sonhos”, comenta sobre a artista e seu trabalho: *“Inclusive o seu último trabalho nos mostrou sobre as pessoas que catam papelão pelas ruas da cidade e deu como título Os Catadores de Sonhos, e isto quer dizer que em qualquer classe social todos temos o direito de sonhar”.*

Este depoimento denuncia que a série permitiu, a este indivíduo, reconhecer os sonhos de pessoas de outra classe social, permitiu aproximar-se de uma realidade que, embora presente, talvez estivesse sendo “negada” por este sujeito, e que o contato com as imagens o sensibiliza a perceber, reconhecer.

Justamente quando se pensa na possibilidade de identificação com a obra, tem-se que fazer novamente referência ao fato da Associação de Catadores de Carazinho ter definido como nome para sua associação o título da série, no caso: “Catadores de Sonhos”; já havia comentado esta escolha de nome pela associação. Acredito que esta identificação dos catadores com a série de quadros denota a sensibilização contínua que se dá através das imagens. O grupo se vê como Catadores de Sonhos, simbolizam e integram suas vidas e sonhos nas imagens.

A partir do artigo *Lição de educação ambiental* (ZOOM, 2004, p. 2) (ver Anexo F), onde se destaca a imagem em que catadores alinhados em sua faina diária posam ao lado do representante da prefeitura, mostra-se a presença viva destes personagens anônimos de nossas ruas. Eles são muitos, de muitos tipos, mas são gente que nos ensina a reutilizar, a reciclar e, porque não, humanizar?

Na continuidade desta análise podemos referenciar o artigo do Jornal O Nacional, *“Catadores de Sonhos” – A arte por trás do lixo* (CATADORES..., 2003, p. 7) (ver Anexo G), quando faz uma referência à exposição que se realiza no

Shopping Bella Cittá, em dia 25 de maio de 2003. A autora é entrevistada pelo Jornal, que expõe sobre o trabalho: *“O interesse de Ilse pelos catadores de lixo surgiu em meio às caminhadas diárias. Acostumada a seguir o que chama a sua atenção, Ilse foi atraída por um homem e sua carroça cheia de lixo. Desde então, o barulho dos cavalos e das crianças, fizeram a artista dar atenção ao assunto”*.

Todo o universo imaginativo se expande quando um tema surge para a artista. É fundamental um tema, um motivo para pesquisar. O que chama a atenção é que esta preocupação pode ser partilhada. No momento em que o interesse da artista também chama a atenção dos órgãos da imprensa, denota-se uma ligação, uma cumplicidade de interesses com o sensível. O sensível das imagens encontra o sensível do jornalismo e se fundem em interesses e pontos de vista similares.

No tocante a possibilidade de educar para o sensível através das imagens, podemos ainda ressaltar o depoimento de Sheila Kocourek (KOCOUREK, 2009, p. 157) (ver Anexo L), em relação à obra da artista, quando diz: *“A imagem que invocamos no início desta tese, revela um pouco dos liames, no qual há um tipo de perpetuação da exclusão das condições mínimas de sobrevivência de uma parcela da população”*.

Há um ponto de conexão entre o que Sheila Kocourek aponta nos personagens da obra *“Catadores de Sonhos”*, mostrando o desconforto com esta visão, pontuando a saga dos catadores de lixo que perambulam por nossas cidades, catando para sobreviver. Mostra conexão, portanto, com a interpretação da artista, com aquilo que as imagens denunciam, e reflete, novamente, a sensibilidade dos autores diferentes, para temas conhecidos e compartilhados. Imagens de seres que perambulam no cotidiano de nossas vidas, no interior de nossas cidades.

Na sequência de análise passaremos, agora, a elencar a categoria que se refere aos aportes estéticos e socioambientais, que se fizeram presentes na análise dos documentos.

### **4.3 Educação estética e socioambientais**

O Jornal Diário da Manhã (LIXO..., 2002, p. 12) (ver Anexo A) cita que partir da visita à Galeria de Arte da artista, uma turma de alunos da Escola Sorg tomou

conhecimento do mundo dos catadores de papel e sobre a existência de outros produtos descartáveis. O mesmo artigo destaca que os alunos ficaram “surpresos” com os tipos de temas que podem ser abordados e retratados pelas artes e com a descoberta da sua função social. Mostra-se, aqui, a importância do conhecer, vivenciar arte e, antes de tudo, sentir a estética que exala da obra.

Posteriormente, os alunos fizeram uma apresentação da sua primeira série de obras, “Releituras”, no hall da escola, e revelaram a descoberta da necessidade de se aprender a valorizar estas pessoas que, conforme especificaram, limpam a cidade que muitos outros sujam. Esta foi a opinião do aluno, Luís Otávio Silva, 14 anos. Vê-se, aqui, a reflexão ou a interlocução sensível e estética da obra, permitindo ampliar a visão dos educandos sobre questões ambientais. A arte aparece como um “disparador” de tomada de consciência.

Neste documento (LIXO..., 2002, p. 12) (ver Anexo A) os alunos, ainda, adiantaram que o próximo passo deles será agradecer e passar a cumprimentar, sem medo, estas pessoas que, afinal, prestam o importante serviço social de promover a limpeza e facilitar a reciclagem do lixo urbano, bem como, multiplicar esta consciência que adquiriram, tanto entre seus familiares quanto entre seus colegas e sua comunidade.

Na continuidade, os alunos lembraram que após semanas de limpeza no canteiro e coleta de muita sujeira, constataram o desperdício através das folhas de papel limpas jogadas fora. Reforça-se, aqui, a pertinência da estética das ruas, o contato com a estética e sua identificação com similaridades de padrões.

Cabe salientar que, na exposição dos trabalhos dos alunos, eu, como artista que os tinha inspirado, fui convidada para prestigiar o evento. Eles fizeram uma recepção diferente, onde uma imensa instalação de lixo era depositada na entrada de escola. Os alunos me esperaram na porta da mesma. Havia deixado todo o lixo do dia anterior na frente da escola e transformado em uma imensa escultura, com o propósito de mostrar o que seria de nossa cidade se não houvesse coleta e catadores de lixo. E, ainda, pelos corredores da escola, encontrei mais de 200 obras em releituras – a partir de minha obra “Catadores de Sonhos” (LIXO..., 2002, p. 12) (ver Anexo A).

Este documento registra um dos momentos de educação estética e socioambiental, onde o ver, ouvir e frequentar proporcionaram aos envolvidos uma mudança, consciência e, antes de tudo, novas associações. Revela a possibilidade

de a arte servir para sacudir, favorecer um novo olhar que, neste caso, comprometeu os jovens na reflexão do cotidiano e no desenvolvimento de atitudes diante do ambiente em que vivem. Portanto, para haver crescimento deve haver significado, consciência e aplicabilidade dos mesmos.

Dando continuidade aos documentos que nos norteiam nesta categoria temática, temos também um depoimento de Tania Marisa Eberhart (EBERHART, 2002, p. 2) (ver Anexo B), quando fala da importância de ver os catadores dentro de um processo que não os exclui. Um caminho que possibilite estar dentro da estética para não sucumbir. Segue ainda: *“Ilse Ana inclina-se corajosamente sobre abismos e aprende em trôpegos passos que o melhor olhar é o do sentir”*. Este documento traz a tona o que de fato penso: compreendo o indivíduo como um ser indivisível, um aprendiz que constrói seu saber, usando as sensações, emoções, razão e a intuição.

A amplitude da arte permite que se façam várias pontes para o mundo. Nas informações coletadas encontra-se, ainda, uma citação na Revista Ecos de Família, publicação da Escola de Pais do Brasil (ESCOLA..., 2003, p. 3) (ver Anexo C) que discorre: *“Dentre as obras da série ‘Catadores de Sonhos’ escolhemos uma, com dificuldade, pois gostaríamos de publicar todas e também porque as lágrimas comovidas não nos deixavam ver com nitidez”*. Ainda, *“Podemos vislumbrar uma conscientização política aos que catam, aos que olham, aos que se beneficiam do processo, enfim, podemos ‘olhar’, e tirar nossas lições de cidadania”*.

Este documento demonstra e explicita uma função que transcende da obra, que é a sensibilização para a cidadania. Pode-se observar que a estética pode ter um grande valor na identificação e entendimento de uma comunidade. Ela pode ser um elemento tradutor e comunicador das ideias, pensamentos e atos produzidos em uma comunidade. A mesma é um elo entre os homens de um grupo que, compartilhando valores e gostos convergentes, formam uma identidade que os agrupam. Portanto, se a arte tem um valor estético porque ela pode agradar esteticamente, e com este agrado seduzir para que os sujeitos se aproximem da obra de arte, por outro lado, ao se aproximar da arte os sujeitos podem ser receptores de uma mensagem. Mas, de acordo com os propósitos do artista, ele pode enviar mensagens que sensibilizem para a cidadania, para as preocupações sociais e ambientais ou, se desejar, a arte também poderá ser usada para alienar, para entorpecer.



Dentre deste nosso propósito, os documentos servem para elucidar, para dar visão aos efeitos do trabalho. Assim, no ofício da Associação Catadores de Sonhos (ASSOCIAÇÃO..., 2004) (ver Anexo E), há um registro de pessoas que se identificam com símbolos e com as identidades dos sujeitos retratados na série “Catadores de Sonhos”. E, a prova disto, foi quererem batizar sua Associação de catadores com o nome da série, fato já relatado anteriormente.

Isto denota, conforme bem aponta Duarte Jr. (2001, p. 186), que “Obras de arte, consagradas ou não, apenas ganham significação na medida em que podem ser vinculadas à vida e às experiências efetivamente vividas pelas pessoas”.

Coletei, ainda, no Jornal Diário da Manhã (ZOOM, 2004, p. 2) (ver Anexo F), a mensagem de Sérgio Lauxen, apontando que a conscientização não é passível de sozinha apontar as soluções. Ele refere que é necessário o trabalho de catadores para mostrarem a possibilidade de fazer a limpeza. Vê-se no trabalho dos catadores uma possibilidade de apontar ensinamentos socioambientais.

Este documento vai ao encontro das ideias de Duarte Jr. (2001, p. 31) quando discorre que: “Assim, a ecologia, a sensibilidade e a educação revelam o quão interligadas podem estar se não forem tornadas como partes independentes de um conhecimento fragmentário e desvinculado da vida de cada um”.

Aprender com ações como esta, também, é acreditar na educação informal um dos pontos abordados nesta pesquisa.

O artigo do Jornal O Nacional (CATADORES..., 2003, p. 7) (ver Anexo G) faz uma referência à exposição que se realizou no Shopping Bella Cittä, no dia 25 de maio de 2003. O texto vai registrando a trajetória das obras, mas evidencia a mensagem da artista. “*Seja nos quadros ou nas ruas, essas famílias, com suas carroças velhas e restos cansados, gritam por atenção e respeito*”.

Assim, o sonho ou ilusão de que dias melhores virão é alimentada por homens, mulheres, crianças, idosos, que lutam palmo a palmo nas avenidas principais e também nos bairros, pelo produto que a sociedade joga fora. Apesar das incertezas, o lixo se torna luxo e para eles esta é a única forma digna de sobreviver (CATADORES..., 2002, p. 6-7) (ver Anexo H).

Estar em contato com estes trabalhadores é um aporte de sensibilidade, de consciência ecológica. Eles nos mostram com sua atividade, quanto podemos fazer. E, novamente, parece que a obra de arte ajuda, também, os órgãos de imprensa a



se sensibilizarem, olhares para as questões ambientais e para aqueles que estão podendo ou tentando limpar o lixo de nossas cidades.

Temos, ainda, no documento assinado por Sheila Kocourek (KOCOUREK, 2009, p. 157) (ver Anexo L), uma relação à questão da sensibilidade humana. A autora, no final de sua obra, aporta possibilidades estéticas e orienta-nos. *“Continuaremos sendo ‘catadores de sonhos’, conforme as crianças e adolescentes da pintura que escolhemos para ilustrar o encaminhamento destas ideias porque acreditamos na sensibilidade humana. Desejamos, que num movimento mais geral, possa esta tese assumir a condição de ‘Raios de sol’ para iluminar as práticas dos conselheiros municipais”.*

Tal documento denota a utilização que a autora faz da obra “Catadores de Sonhos”, como um marco para referenciar suas ideias. A série de quadros simboliza, serve para traduzir desejos e pensamentos; as expressões, os títulos das obras ensejam simbolismos que são usados e se apropriam no contexto do trabalho para traduzir o que esta quer dizer. Portanto, Sheila Kocourek nos encaminha ao sentido desta pesquisa, conecta sensibilidade e educação. A obra de arte por ela citada, serve como uma ponte de referência, como uma possibilidade de fazer mudanças. O sensível que exala das telas e inspira outros autores sensíveis e expressarem suas preocupações particulares.

Seguindo na linha do tempo, a obra, depois de oito anos, continua sendo alicerce de posicionamentos ecológicos, de motivação para reciclar, de motivo para pensar e ensinar. Exemplo disto é o convite feito pela Escola Municipal de Educação Infantil Arthur Milton Arnold, para eu fazer uma palestra aos pais, professores e comunidade escolar, sobre a série, dentro do projeto *“Reciclar, cuidar e preservar o meio em que vivemos”* (ESCOLA..., 2010) (ver Anexo M). Esta escola é, na grande maioria, composta por filhos de catadores. Palestrei no dia 15 de junho de 2010; posteriormente, usaram minha obra como meio de representar a escola no desfile das comemorações da Independência do Brasil, dia 07 de setembro (ANEXO N). Neste desfile, usaram algumas obras, conduzidas por alunos, professores e catadores, juntos, ensinando cidadania e patriotismo.

A educação estética não é a panaceia nem a salvação da crise educacional que atinge a maioria dos países, mas uma contribuição à cultura que pode envolver todos os membros da sociedade, promovendo um sistema ético

que oriente as relações com o outro. Trata-se de uma ação educacional bastante complexa, que atinge a multidimensionalidade do humano com o objetivo de valorizar ações subjetivas e coletivas ao recriar a vida nos seus aspectos material e espiritual, fazendo brotar o que há de melhor na autoria de cada um e deslocando-os da postura de simples consumidores culturais (ORMEZZANO, 2001, p. 38).

Este olhar é o proposto neste trabalho, pois em ávidos passos eles sobrevivem com dignidade e nos ensinam. A constatação de que no universo dos catadores de papel é possível aspirar novos tempos, novos sonhos. E que a arte, sim, pode denunciar ações coletivas que transformam e recriam seres humanos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Falar de sentimentos, apresentar a série “Catadores de Sonhos”, sua repercussão educacional, social e ambiental em Carazinho/RS e região, originou

esta pesquisa. No percurso trilhado pude ver e sentir seres humanos com significações subjetivas, mas com muito por mostrar.

A obra de arte pode educar e fazer uma nova leitura do mundo que nos rodeia. Neste caso, as dez obras criadas para a série de pinturas foram o mote deste trabalho de conclusão de mestrado, onde a sensibilidade, a criação, a estética e a educação ambiental foram a tônica.

Busquei na visualização das obras, na análise de suas imagens, na repercussão de seus significados, o caminho para as respostas da pesquisa.

O problema desta investigação: Qual o significado que a série de pinturas, “Catadores de Sonhos” para a comunidade de Carazinho/RS? Após levantamento documental e análise de depoimentos respondo, com várias falas, a importância do trabalho, da dignidade destes personagens para Carazinho e região. Ainda, na abertura da questão, pergunto de que forma estas imagens promoveram conhecimento? Aponto, em vários depoimentos, a valorização dada pela comunidade, absorvendo, assim, a essência educativa; valorizar aquilo que conhecemos; aquilo que realmente aprendemos a valorizar.

Ao se aproximar da arte os sujeitos podem ser receptores de uma mensagem. Mas, de acordo com os propósitos do artista, ele pode enviar mensagens que sensibilizem para a cidadania, para as preocupações sociais

Continuando nas questões levantadas no início da pesquisa, surge: é possível sensibilizar a comunidade através das imagens?

A obra repercutiu de forma a sensibilizar e apontar um novo momento, aquele em que os catadores de papel buscam se identificar até pelo nome, por ser este o único digno. Percebe-se nos documentos pinçados que vida e obra são exemplos de ensino; que a série proporcionou sensibilização, conscientização e, antes de tudo, educação.

Na leitura de imagens, na visualização das obras, a apreciação do público, os depoimentos encontrados levam a pensar nesta estratégia como uma possibilidade de convívio mais ecológico, de reflexões sobre uma economia sustentável e de outras formas de desenvolver a sensibilidade e aprendizagem para a vida.

Ainda, surge a questão: que processos educativos estéticos foram provocados pelas pinturas? No decorrer dos documentos mostrei a relevância do trabalho destes seres humanos que, de sol a sol, perambulam por nossas cidades,

fazendo com que nosso mundo se torne mais humano e mais sustentável, pois os mesmos são “*Ambientalistas do cotidiano*”, como batizei uma das obras da série,

No contato com obras de arte ocorre uma inversão aos modos de ver, ocorrendo uma informação, que gera o conhecimento. Em muitas situações, no decorrer dos depoimentos, isto transpassa, indo projetar-se no lugar do outro. Isto oportuniza olhares mais sensíveis, mais fortes.

A justificativa da pesquisa torna-se o momento mais forte, pois, não tem como não nos envolvermos após ver a obra, conviver com seus protagonistas, conhecer suas histórias de vida e, antes de tudo, ver o humano presente na trajetória da série.

A educação, formal, informal ou não-formal, em algum momento será absorvida e jamais esquecida. As imagens foram fundamentais para mostrar que além de tinta, linhas, formas e cor, pulsa vida, existe uma artista que mostra seu desconforto com uma sociedade excludente, que aliena os olhares para não ver.

Acredito, depois de levantar estes documentos, que a imagem e sua repercussão possam fazer com que os envolvidos possam ir se humanizando, pois conhecer também é aportar humanidade.

Foi muito gratificante usar a autoetnografia como método de estudo, permitiu-me expor com mais liberdade minha obra, e a adição do método documental auxiliou-me a não me enredar como pesquisadora; pude ver com olhos questionadores os depoimentos, pois os catadores alheios ao tempo, as incertezas, vorazes permanecem em nossas ruas, fazendo sua dignidade transparecer. Aprendem-se, no cotidiano, lições inesquecíveis de ecologia.

Este estudo buscou alertar da importância, do valor que exala de um trabalho tão simples, um catar para não sucumbir, mas um processo que também educa, sensibiliza, ensina e conscientiza.

Portanto, para haver crescimento pode haver significado, consciência e aplicabilidade dos mesmos. Alio, aqui, a sobrevivência desta plêiade de pessoas que dignificam o valor do trabalho e, na sua simplicidade, sobrevivem e nos ensinam resiliência.

Para a arte existir necessita de intenção, ação e atividade humana sensível.

Os conceitos usados pelo ser humano são oriundos de seu crescimento cultural e emocional, mais ele cresce, mais se habilita ao encontro da humanidade que deve existir em nós.

Trabalhar com catadores de papel, conhecer suas vidas, pintar suas histórias, permitiu-me ver um horizonte mais amplo, um mundo onde posso esperar e mostrar que educar é ensinar, também, a sonhar.

O nome das obras serve como pressuposto para comprovar a pesquisa realizada. Inicia com o **“Raio de sol”**, sempre temos que ter esperança de um dia melhor, mesmo que sejamos **“Burro sem rabo”**, vamos aprendendo com informações, com experiências, com trocas. Mas são as **“Cenas urbanas”**, em que os **“Ambientalistas do cotidiano”**, que **“Muitos são”** **“Sócios traídos”**, buscam seu **“Trono de papel”**, nem que seja **“Domingo”**, **“Meio dia”**, eles continuam, pois são, na íntegra, **“Catadores de Sonhos”**.

A pesquisa não para aqui, continua no dia a dia de nossas cidades.

## REFERÊNCIAS

ACHUTTI, L.E.R. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Palmarinca, 1997.

ALEXENBERG, M. Autoethnographic identification of realms of learning for education in a post-digital age. Trad: Tania Birckan. *International Journal of Education Through Art*, London, v.4, n.3, p. 231-246, 2008.

ALVES, R. *A música da natureza*. Campinas: Papirus, 2004.

ARSLAN, L.M.; IAVELBERG, R. *Ensino de arte*. São Paulo: Cengage Learning, 2006.

ASSOCIAÇÃO Catadores de Sonhos de Carazinho. *Requerimento*, Carazinho, RS, 10 fev. 2004.

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1947.

BARBOSA, A.M. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2003.

BARCELOS, V.H.L. *Educação ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOSI, A. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

CAMARGO, I. *Gaveta de guardados*. São Paulo: Edusp, 1998.

CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. 25. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. *A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

CATADORES de papel: o martírio pela sobrevivência. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, p. 6-7, 17 maio de 2002.

CATADORES de sonhos: a arte por trás do lixo. *O Nacional*, Passo Fundo, p. 7, 05 maio 2003.

CARO, S.M.P. *Educador social: proposta*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2003.

DUARTE JR., J.F. *Por que arte-educação?* Campinas: Papyrus, 2006.

\_\_\_\_\_. *O sentido dos sentidos: a educação do sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2001.

EBERHART, Tania Marisa. Zoom: catadores de sonhos. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 23 maio 2002.

ESCOLA de Pais do Brasil. Editorial. *Revista Ecos de Família*, n. 3, p. 3, 2002.

ESCOLA Municipal de Educação Infantil Arthur Milton Arnold. *Atestado*, Carazinho, RS, 15 jun. 2010.

FREEDMAN, K. Currículo dentro e fora da escola: representações da arte na cultura popular. In: *VII Encontro Sesc Vila Mariana – A compreensão e o prazer da arte*. 17 a 20 de novembro de 1999. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text\\_7.htm](http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text_7.htm)>. Acesso em 15 out. 2010.

FREUD, S. *Uma lembrança de infância Leonardo da Vinci*. In: ESB., 1910.

GAMBINI, R. *Outros 500*. São Paulo: Senac, 1999.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1994

GOODMAN, N. *Problems and projects*. New York: Bobbs-Merrill, 1972.

GUIMARÃES, C.A.F. Ecologia profunda, ecologia social e eco-ética. *Filosofianet* – filosofia em rede. Publicado em: 16 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.filosofianet.org/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=97>> Acesso em: 15 out. 2010.

HERNANDEZ, F. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *ECO-92*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/ecologia/eco92.html>>. Acesso em: 23 out. 2010.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2000*. Comunicação Social, 27 de março de 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27032002pnsb.shtm>>. Acesso em: 15 out. 2010.

INSTITUTO de Pesquisa Tecnológica. *Cooperativa de catadores de materiais recicláveis: guia para implantação*. São Paulo: SEBRAE, 2003.

KOCOUREK, S. *Nas dobras da história: o desafio dos direitos da criança e do adolescente na construção da cidadania para o século XXI*. Porto Alegre: Faith, 2009.

KOHL, M. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.

LIXO reciclável. Releituras de obras de arte facilitam compreensão de mazelas sociais. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, p. 12, 10 jul. 2002.

LOON, H.W.V. *As artes*. Porto Alegre: Globo, 1958.

MAGERA, M. *Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade*. Campinas: Átomo, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MIURA, P.C.O. *Tornar-se catador: uma análise psicossocial*. 2004. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.



MOSQUERA, J.J.M. *As Ilusões e os problemas da vida*. Porto Alegre: Sulina, 1979.

NAESS, A.; ROTHENBERG, D. *Ecology, community and lifestyle: outline of anecosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ORMEZZANO, G.R. *Imaginário e educação: entre o homo symbolicum e o homo estheticus*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

OTT, R.W. *Arte-educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, AM. (Org.). *Arte—educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 113-143.

PILLAR, A.D. *A educação do olhar no ensino das artes*. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PORTUGAL, G. *O catador*. Publicado em: set. 1995. Disponível em: <<http://www.gpca.com.br/gil/art127.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2010.

PREFEITURA Municipal de Carazinho. *Cidade*. Disponível em: <<http://www.carazinho.rs.gov.br/web/index.php>>. Acesso em 15 out. 2010.

QUINTÃO, P.R. O sujeito (oculto) e a cidade: a arte de Wodiczko. *Psicanálise e Cultura*, São Paulo, v.31, n.46, p.104-107, jun. 2008.

RIZZI, C. *Contemporaneidade (mas não onipotência) do sistema de leitura de obra de arte image watching*. 22 março 2000. Disponível em: <[http://www.artenaescola.org.br/pesquise\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=15](http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=15)>. Acesso em: 14 mar. 2010.

SANTOS, B.S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2005.

SINGER, P. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. São Paulo: Contexto, 1998.

TAMIMI, Abdel. Voluntária pela educação e cultura. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, p. 8, 25 jun. 2002.

THUMS, J. *Educação dos Sentimentos*. 2.ed. Canoas: Ulbra, 2003.

TRIGUEIRO, A. (Coord.). *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VERSIANI, D.G.C.B. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

VYGOTSKY, L. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALDMAN, M. Reciclagem, Preservação Ambiental e o Papel dos Catadores no Brasil. In: *VI Simpósio Internacional de Qualidade Ambiental*, Porto Alegre, 2008.

ZOOM. Lição de educação ambiental. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, p. 2, 19 maio 2004.

## **ANEXOS**

### **ANEXO A – Lixo reciclável**



**Lixo reciclável**

# Releituras de obras de arte facilitam compreensão de mazelas sociais

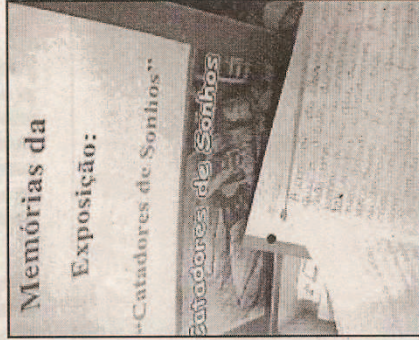


Carolina (C): "cada escola poderia ter a sua oficina de reciclagem"

A série "Catadores de sonhos" motivou os alunos da Escola Sorg a construir obras próprias e a multiplicarem a descoberta sobre a importância do trabalho e a dificuldade porque passam os catadores de papel

Os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Cônego João Batista Sorg visitaram a Galeria d'Arte e conheceram a série mais recente da artista plástica Ilse Ana Piva Paini: Catadores de Sonhos. A professora Márcia Siqueira, que atende as nove turmas do Ensino Médio, cujas idades variam entre 14 e 18 anos, resolveu propiciar aos alunos uma oportunidade de conhecer a realidade local, com o objetivo de facilitar a sua compreensão do contexto social vigente. "Nós estávamos estudando os grandes nomes das artes, dentre os quais, as obras de Salvador Dalí, e então, pensamos em estudar os nossos artistas," disse a professora. A partir da visita, os alunos ficaram a par do mundo dos catadores de papel e outros produtos descartáveis, e conforme destacou, ficaram "surpresos" com os tipos de temas que podem ser abordados e retratados pelas artes e com a descoberta da sua função social.

De volta à sala de aula foi feito um debate, do qual resultaram uma série de memórias, também expostas, no hall de entrada da escola, de releituras da série Catadores, principalmente utilizando técnicas de pintura e colagem. Durante esta semana os trabalhos estarão abertos à visitação pública.



Após o debate sobre a série "Catadores" os alunos redigiram as suas impressões pessoais sobre o tema

## Releituras de um mundo ao redor

Os alunos fizeram uma apresentação da sua primeira série de obras "Releituras" na hall da escola na última semana e revelaram a descoberta da necessidade de se aprender a valorizar estas pessoas, que conforme especificaram, limpam a cidade que muitos outros sujam. Para Luís Otávio Silva, 14 anos, a reali-

zação destes trabalhos, fez com que se conscientizassem e aprendessem a dar mais valor aquilo que possuem. Ele destacou a situação do pai que precisa sustentar uma família com os poucos recursos provenientes da coleta e acredita na necessidade de ajudar outras pessoas a se conscientizarem como ele: "acho que quando a gente vir alguém jogando latinha, ou outro lixo no chão, precisa perguntar sobre como se sentiria vivendo em um ambiente sujo. Ninguém gosta disso".





Trabalho futuro de conscientização: alunos lembraram que após duas semanas de limpeza no canteiro e coleta de muita sujeira, constataram o desperdício, através das folhas de papel limpas jogadas fora novamente

# MICRO ST@R

## Informática & Games

Equipamentos p/ Informática  
Video Games em Geral  
Assistência Técnica 24h

Fone: 331-2678 ou 24h: 9999-4790  
Av. Flores da Cunha, 2935 - Carazinho



Ao meio-dia  
espeto corrido  
com buffet

De domingo à terça  
grelhados à noite

Fone (0xx54) 331-3633  
Rodoviária de Carazinho (Antigo Napoli)



Av. Flores  
da Cunha, 602  
Tel. 331-1008  
Carazinho/RS

**Armazém Academia firma  
parceria com a Eletrocar para  
ministrar aulas de  
Ginástica na 3ª Idade.**

Turmas: Segunda, Quarta e Sexta - das 8h30min às 11h30min

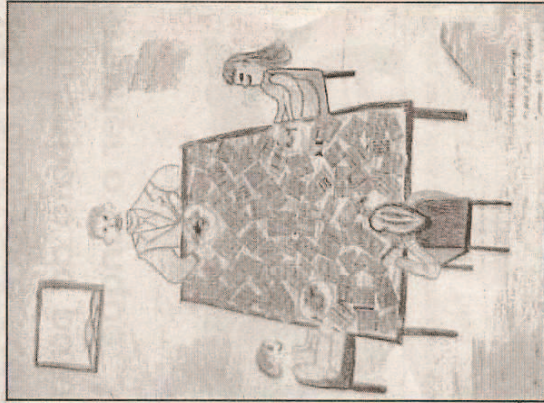


Conforme a professora Márcia, o trabalho da artista que mais chamou a atenção dos alunos foi o quadro "Meio-dia" que demonstra um garoto fazendo uma das refeições de um dia normal com um pastel cujo preço é o equivalente ao montante arrecadado em um dia inteiro de coleta de objetos recicláveis: R\$ 2.



A obra "Domingo" também foi destacada por ficar flagrante como são diferentes duas realidades tão próximas

Para Carolina Gonçalves, 14, o número de catadores foi o surpreendente: "a gente achava que eram uns cinco mas ficamos sabendo que são 110, isto que este número é do mês passado!" Michele Faryj, 14, compreendeu que este é um trabalho digno como todos os outros e que precisa ser valorizado. E, também, por terem feito esta escolha, porque, mesmo sendo obrigados a enfrentar tantas dificuldades para sobreviver, resistiram à cometer delitos como o roubo. "É uma experiência de vida, algo que se via e não se dava importância," disse. A sua força de vontade foi destacada por Natiele Leite, também 14 anos, que percebeu as adversidades que se submetem para poder sobreviver, principalmente, recebendo pouco, dinheiro insuficiente para garantir a própria alimentação. Conforme adiantaram, o próximo passo destes alunos será agradecer e passar a cumprimentar sem medo estas pessoas que prestam o importante serviço social de promover a limpeza e facilitar a reciclagem do lixo urbano, bem como multiplicar esta consciência que adquiriram, tanto entre os seus familiares, quanto entre seus colegas e sua comunidade.





# ZOOM

## Catadores de sonhos

**C**omo cavalos cansados puxando carroças a passos rasgados, os colecionadores de restos arrastam pela vida a bagagem de dejetos. Andam pelas ruas, anônimos, empurrando seus carros, seus medos, exorcizando a miséria enquanto vergam silenciosos sobre sacos com despojos de ausência e vazio.

Sacudida pela revelação súbita de caos, dor e luz, a artista aponta seus pincéis-consciência sobre nossa policrômica indiferença à exclusão social.

Em cada tela se adensa um mundo de impossibilidades, janelas fechadas e portas cerradas que denunciam a textura áspera da vida que nasce da luta para não morrer hoje, não morrer amanhã, simplesmente não morrer... No abismo de

“O homem não faz poesia para sair da vida, ele faz poesia para ter coragem de viver” Ferreira Gullar

luzes, homens, mulheres, crianças, quem sabe tenhamos que lembrar que são gente, perambulam ávidos em toscos carros, catando ilusões de papel, papelão, plástico, frascos, fardos, um pouco de comida, por que não? São mãos inacabadas e disformes que, sem poder se apropriar de suas próprias vidas, se apropriam do excesso de nosso cotidiano. Resta-lhes ser e ter a sobra da sociedade.

Não, não há uma estética possível para a miséria. Mas há arte e existe uma artista, que grita por mais vida e se faz ouvir através de rostos, cores, linhas, formas e sentimentos. Seus catadores de sonhos traduzem a esperança que sente de incluí-los num mundo onde ainda é permitido sonhar, talvez antes que a inensa maioria não consiga ser mais catadores excluídos, dos restos de seus próprios sonhos.

Ilse Ana inclina-se corajosamente sobre abismos e aprende em trôpegos passos que o melhor olhar é o do sentir.

Tania Marisa Eberhart  
- psicóloga e empresária

# editorial

A edição anterior da nossa revista foi alvo de elogios. O reconhecimento por um trabalho bem feito nos deixa estimulados e motivados a fazermos sempre melhor. Esta revista é o veículo escrito de divulgação de que dispomos para mostrar nosso trabalho e nossos sonhos de construção de uma nova civilização em que o homem seja feliz, a natureza respeitada, em que a paz seja promovida em todas as suas nuances e manifestações.

É grande nosso orgulho em contarmos na nossa capa com uma obra de Ilse Ana Piva Paim, da série "CATADORES DE SONHOS". A ESCOLA DE PAIS, assim como todos nós, catadores de felicidade, de cidadania, de um mundo mais justo, olhamos para a obra de Ilse e nos "achamos", cada um ao seu modo, ora indignados, ora esperançosos, pois podemos ver na atividade de catadores o germe do trabalho digno, útil à sociedade. Podemos vislumbrar uma conscientização política aos que catam, aos que olham, aos que se beneficiam do processo, enfim, podemos "olhar", e tirar nossas lições de cidadania. Obrigado, Ilse, parabéns por sua obra que além de linda tem aquele apelo social que nos enche de vontade de semear o amor e a solidariedade por este mundo afora. Dentre as obras da série "CATADORES DE SONHOS" escolhemos uma, com dificuldade, pois gostaríamos de publicar todas e também porque as lágrimas comovidas não nos deixavam ver com nitidez.

Agradecemos as contribuições que nos chegaram, tanto na forma de artigos, sempre ricos em conteúdo, como na forma de patrocínios, que tornaram possível esta edição.

Consideramos e chamamos de AMIGOS, sem medo de errar, as pessoas que acreditam e contribuem das mais diversas maneiras para a concretização desta revista, pois elogiando, criticando, escrevendo, refletindo e patrocinando engajados com a ESCOLA DE PAIS, estão todos dando forma a um projeto tão bonito e significativo.

Muitos são os motivos para, com entusiasmo, elaborarmos e organizarmos a edição nº 3 da nova fase desta revista, agora com o nome de "ECOS DE FAMILIA", que temos certeza será útil aos pais, aos professores, enfim, a todos os que atuam em educação de crianças e adolescentes, e por certo produzirá significativos reflexos na vida de todos.

A ESCOLA DE PAIS, seja através desta revista, seja através dos Círculos de Debates que promovemos junto a grupos de pais, mostra sua força de transformação. Trazendo informações de vanguarda para reflexão e debate, esses instrumentos, inevitavelmente, levam-nos a pensar em múltiplas alternativas para qualificar os processos educativos e os relacionamentos humanos, em todos os níveis.

Por isso, orgulhamo-nos em ser vanguarda, em acompanhar as mudanças espetaculares que acontecem em todas as frentes fazendo com que reinventemos o mundo a cada dia, com amor, com coragem e com confiança.

*Os editores.*

## nossa capa



*Raio de Sol, 110x90 cm, acrílica s/ tela c/ texturas e colagens, 2002. Série Catadores de Sonhos. Ilse Ana Piva Paim.*

Leia mais sobre a capa nas páginas 16 e 17.



**Drogas**

**“O fim do navalo não nota diminuir drogas, ao mesmo tempo, 90% dos penaliza o traficante e o usuário de drogas inclusive com pena de detenção.”**

Existem pesquisas que usuários de crack e cocaína afirmam que começaram com a maconha. colocam o Brasil como o segundo

**— AGRADECIMENTO —**

**Voluntária pela Educação e Cultura**

Dia 19 de junho de 2002, tive a grande abordagem o assunto sobre diversas classes sociais, sem distinção.

Inclusive o seu último trabalho nos mostrou sobre as pessoas que catam papelão pelas ruas da cidade e deu como título OS CATADORES DE SONHOS, e isto quer dizer que em qualquer classe social todos temos o direito de sonhar.

Essa palestra foi feita para os alunos da Escola Estadual de 2º Grau Cônego João Batista Sorg, sendo que anteriormente havia feito outras duas palestras para as escolas, Nossa Senhora da Glória e Érico Veríssimo.

Sua atitude foi nobre por focalizar o assunto sobre Ecologia e Patriotismo.

O que me deixou maravilhado foi ela Ter

**ABDEL TAMIMI**

**MATERIAL HIDRÁULICO COM PRECINHOS ENXUTOS.**

Material Hidráulico e Elétrico das melhores



ciudades, pode-se sair a Tur, quase que sem se preocupar com a segurança, pois as cidades são seguras e pacíficas.

Ainda tempos a vantagem de quase todos se conhecerem e se darem bem. Uma cidade com baixíssimo nível de poluição e de um povo muito feliz. No que se refere às oportunidades de emprego para o povo carazinhense e região, Carazinho está crescendo. Temos como exemplo a multinacional Parmalat e, na área da educação, temos duas extensões de Universidades, a da UPF e a da ULBRA.

E por tudo isso e muito mais, devemos nos orgulhar de morar em Carazinho, uma cidade com futuro.

**JÉFERSON DE JESUS FLORES – 8ª série – Turma 181**

**A minha Carazinho**



Carazinho, cidade não muito grande, sem muitos atrativos, com pessoas que vão e vêm todos os dias, anônimas, cada qual com sua vida, sem maiores problemas.

Esta Carazinho com jeitinho de quieta, mas na verdade, por trás dela se escondem mistérios de amores e cores. Ela parece não ser grande coisa, mas está evoluindo a passos lentos e promissores. Possui empresas, comércio, escolas e duas extensões de Universidade. Há também locais para se divertir

ANEXO E – Ofício Associação Catadores de Sonhos de Carazinho



## **Associação Catadores de Sonhos de Carazinho**

Entidade que congrega os catadores de papéis de Carazinho, sem fins lucrativos – Fundada em 12.06 de 2003

Of. n.º 001/04

### **Requerimento**

A associação Catadores de Sonhos, com sede no Distrito de São Bento, Município de Carazinho, vem pelo presente, através de seu Presidente, Luis Carlos Nool, brasileiro, casado, autônomo, residente e domiciliado na Rua Clemente Barnasque, 35 – Fundos, Bairro Ouro Preto, nesta cidade de Carazinho, portador da cédula de identidade RG n.º 90737977161 – SSP/RS. REQUERER ao Serviço de Registro Civil de Pessoas Jurídicas, o Registro da **Associação Catadores de Sonhos de Carazinho**, de acordo com a Lei n.º 6.015, de 1973.

Nestes termos pede e espera deferimento.

Carazinho, 10 de fevereiro de 2004

Luis Carlos Nool  
Presidente

*Anexo 1*



2 - Quarta-feira, 19 de maio de 2004

# ZOOM



*Lição de educação ambiental – Muita gente nem percebeu que o Parque Vali Albrecht estava mais limpo durante a Expocar, mas é que a equipe da Associação Catadores de Sonho trabalhou muito durante a feira para recolher todo o lixo reciclável do parque. O diretor da coleta, Sérgio Lauxen, destaca que o trabalho foi gratuito, apenas em troca do material recolhido. Os catadores lucraram com a coleta e a população saiu ganhando com um parque limpo, já que nem sempre a conscientização é o bastante.*

**ANEXO G – “Catadores de sonhos”: a arte por trás do lixo**



inaugu

Na sexta-feira (Sicredi inaugurou uma nova agência em Passo Fundo cooperativa cooperativa agora com um espaço mais amplo bem localizado atender seus clientes.

Asolenidade de inauguração aconteceu horas, com a presença de aproximadamente 600 convidados, quina das ruas General Osório e General onde se localiza a cia. Durante a noite e presidente diversos ramos de di salientaram a importância do cooperativismo e das relações humanas.

Estiveram presentes o diretor presidente vice-presidente credi Passo Fundo Rosso e Alexandra Palagio, o presidente do Sicredi Orlando Borges e o presidente da direção do Sicredi Alcenor Pagnon diretor do Banco Porto Alegre, Sidrger. Também foi cerimônia o prêmio municipal Oswaldo e o bispo Dom no Algayer, entre outros.

Segundo Ariessa nova agência premiar o relacionamento e o atendimento clientes e conta quase cem tipos de serviços. Para esse trabalho estima volumes cativos para o banco torno de R\$ 25 bilhões.

## “Catadores de Sonhos” A arte por trás do lixo

A vida e o trabalho dos recicladores de lixo podem ser vistos na exposição “Catadores de Sonhos”, da artista plástica Ilse Ana Piva Paim. Os quadros ficam no quinto andar do Bella Citta Shopping Center até 25 de maio.

Ilse Ana é carazinhense, pós-graduada em História da Arte e professora da Universidade Luterana do Brasil - Ulbra. A exposição conta com dez quadros e teve início em 2002, em Carazinho. O texto da obra foi editado em Portugal.

O interesse de Ilse pelos catadores de lixo surgiu em meio às caminhadas diárias. Acostumada a seguir o que chama a sua atenção, Ilse foi atraída por um homem e sua carroça cheia de lixo. Desde então, o barulho dos cavalos e das crianças fizeram a artista dar atenção ao assunto.

Logo vieram as primeiras fotografias e a imersão no mundo de milhares de pessoas que sobrevivem do que é descartado pela sociedade. Com as 62 fotos em mãos, Ilse se dedicou ao primeiro quadro, “Trono de Papel”. Na imagem, Gislaine e Gerson representam a tranquilidade da proteção familiar. As duas crianças passam o dia trabalhando pelas ruas com a avó, já que a mãe, prostituta, se afastou.

A obra favorita da pintora é “Burro sem Rabo”. Segundo ela, a pintura “surgiu do poema do Rubem Braga, que diz que todos carregamos fardos que não são nos-



Ilse Ana Paim: “Eu me sinto uma catadora de sonhos”



“Em meio ao lixo, a proteção familiar”



Em Passo Fundo, muitas pessoas sobrevivem da reciclagem do lixo, como Silvana.

sos”. Outro quadro que instigou a pintora é o “Meio-Dia”. Nele, um menino come um pastel em meio ao lixo. A cena fez Ilse indagar “quanto custa o dia inteiro e uma pessoa”. Para aquele jovem, que trabalha do nascer do dia até o entardecer, apenas dois pastéis. “Isso é desumano”, afirma a artista.

O trabalho de Ilse Ana foge da superficialidade estética para alcançar a interpretação da mensagem. Prova disso foi o convite feito a um sociólogo, um historiador e um psicólogo para

analisar as obras. “Todo o meu trabalho sempre se voltou pra o ser humano”, diz a pintora.

Em Carazinho, o trabalho de Ilse rendeu resultados. Ações voltadas aos papeteiros foram realizadas e a necessidade da criação de uma usina de reciclagem passou a ser vista com maior atenção pela sociedade local. Em apenas um dos depósitos de Passo Fundo, mais de 150 famílias depositam produtos que podem ser reaproveitados. Elas trabalham de maneira independente, sem vínculo empregatício e ganham de R\$ 0,20 a R\$ 0,25 por quilo. Cada família leva ao depósito cerca de 100 quilos de papéis e outros materiais por dia. A rentabilidade semanal fica em torno de R\$120,00.

A maioria das pessoas que cumprem essa tarefa é vítima do desemprego. O lixo torna-se, então, fonte de renda. Há três meses Silvana Fernanda, de 35 anos, passa os dias remexendo sacolas e entulhos nas ruas à procura de materiais que possam ser vendidos. O marido ficou desempregado e essa foi a maneira encontrada para conseguirem o sustento da casa. “Tem mês que dá um salário, em outros dá uns R\$90,00, diz Silvana. Com ela, os três filhos pequenos, assustados, mas protegidos, como as crianças do “Trono de Papel”.

Seja nos quadros ou nas ruas, essas famílias, com suas carroças velhas e rostos cansados, gritam por atenção e respeito. “Todos nós tentamos catar todo dia o que há de bom dentro de nós”, diz Ilse, que incorporou um pouco da vida desses recicladores de esperança.



## Catadores de papel

## O martírio pela sobrevivência

Desde os primórdios da civilização o homem trava uma verdadeira batalha pela sua sobrevivência. Os séculos passaram, o mundo sofreu muitas transformações, assim como os métodos de sobrevivência. Apesar disso, em pleno Século XXI, ainda nos deparamos com situações que mesmo diferentes, são tão primitivas como algumas enfrentadas pelos nossos ancestrais. Em plena época da expansão da ciência, da informática e da alta tecnologia, a miséria também ocupa seu espaço no processo de globalização. O que antes era visto apenas nos grandes centros, hoje faz parte da rotina das pequenas cidades. No ciclo da pobreza e do desajuste social, um dos maiores exemplos disso, são os sofridos catadores de papel, também chamados de "Papeleiros", uma nova profissão que começou discreta no início dos anos 90 no município e se expandiu assustadoramente em Carazinho nos últimos dois anos, onde o desemprego é

apontado como o principal fator que fez multiplicar o número de catadores. A batalha diária em busca de papéis, papelões, garrafas plásticas e similares, para a maioria dos catadores, inicia antes do raiar do Sol. Inverno e Verão as gaiotas e charretes varam a madrugada enquanto a cidade "dorme", atravessam o dia. Como a concorrência é cada vez maior, quem mais cedo ir à luta, mais lucro terá. Este é um ciclo que se repete sucessivamente, onde a dor do corpo, o sono, a fome, o calor ou o frio, são deixados de lado, enquanto o trabalho não se encerra. Infelizmente o esforço de caminhar quilômetros, às vezes carregando até o dobro do peso do corpo, virando latas de lixo e outras situações degradantes, resulta, ao final do dia, em uma quantia que chega no máximo a 2 Reais. Mesmo assim o sonho ou ilusão de que dias melhores virão, é alimentada por homens, mulheres, crianças e idosos, que lutam palmo a palmo nas avenidas principais e também nos bairros, pelo produto que a sociedade joga fora. Apesar das incertezas, o lixo se torna um luxo e para eles esta é a única forma digna de sobreviver.

## Envelhecendo nas ruas

Carlos Alberto Dutra (48), há três anos enfrentou uma das piores situações de sua vida. Foi despedido da empresa em que trabalhava, na construção de rodovias. Quando o desespero bateu na porta de sua casa, a única alternativa imediata que lhe restou, para não passar fome e outras necessidades, foi a de sair às ruas, muitas até que ajudou a calçar, em busca de papéis e plásticos. "Não podia deixar minha família na pior", explica.

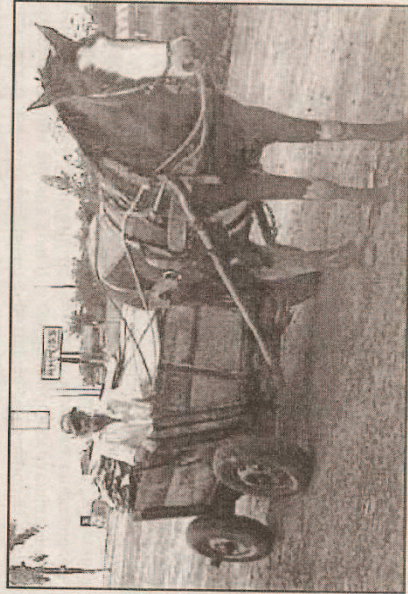
Para garantir alguns trocados, sai diariamente de sua humilde

casa no Bairro Conceição, por volta das 4h da madrugada em busca da matéria-prima. "Eu carrego dois carrinhos cheios por dia. Tem dias que minhas costas ficam muito doídas, mas não posso desabar", lamenta o papeleiro, que afirma percorrer mais de 20 Km por dia, de uma ponta a outra da cidade. "O que eu ganho no final do mês, quase não dá para a comida. Como na minha idade é difícil conseguir outro emprego, acho que vou envelhecer nas ruas, revirando latas de lixo", conclui.

(FOTOS: GLENDA MENDES E SÉRGIO CORNÉLIO)

## Quanto ganha um catador

Para quem ganha salário fixo, o mesmo que seja o mínimo, dizer que uma família sobrevive com apenas R\$ 60 ou R\$ 70 por mês, pode parecer mentira



Ex-agricultor conseguiu 10 Reais em dois meses, catando papéis





Carlos Alberto começa seu roteiro pela cidade, às 4h da madrugada

*Mas é isso mesmo que ganham os pa-peleiros. Confira o preço médio de cada produto:*

**1 Kg de papelão:**  
R\$ 0,10 a R\$ 0,12

**1 Kg de plástico:**  
R\$ 0,10 a R\$ 0,12

**1 Kg de alumínio:**  
R\$ 1,20 a R\$ 1,30

**1 Kg de jornal ou revista:** R\$ 0,05

## O sonho de retornar ao campo

Francisco dos Santos (56), há 5 anos saiu de uma colônia localizada no interior de Vicente Dutra, para tentar a sorte na cidade. Devido a falta de estrutura, sua pequena propriedade quebrou, quando então resolveu deixar o campo e deslocou-se para Carazinho. Sem dinheiro, e praticamente apenas com as roupas do corpo, foi abrigado na casa de uma irmã, onde desde então ganha teto e alimentação. Como a família também é pobre, obriga-se a sair as ruas em busca de alguns trocados para aumentar a renda. "Estamos aí, 'peleando' há mais de três anos, mas parece que está cada vez pior para se viver", desabafo.

Devido a aproximação da Terceira Idade e os problemas de saúde, o ex-agricultor, conseguiu um cavalo e montou sua carroça, para catar papéibes. "Eu só saio de tarde e assim mesmo judia muito o corpo. O problema é que nesse horário já não arrumo muito coisa. Nos últimos dois meses consegui apenas 10 Reais. Essa quantia não dá para nada", lamenta.

Como a situação está cada vez mais difícil, com o crescimento do número de catadores, Santos afirma que já pensa em voltar ao campo. "Acho que na cidade está ainda pior do que lá. Já me inscrevi no Incra há 8 meses e pretendo arrumar uma terra. Meu sonho é ter um sítio de novo, para plantar e criar meus animais, no resto de vida que ainda tenho", salienta.

## "Catadores de sonhos"

Título da obra da artista plástica carazinhense Ilse Ana Piva Paim representa bem o que é o mundo dos papéleiros. A artista procurou retratar, em dez telas, a pesquisa que fez a partir de fotografias. "Minha pesquisa teve início quando passei a observar os catadores que passavam em frente à minha galeria. Eles vinham buscar o papelão que sobrava dos meus quadros. Aquelas imagens começaram a me marcar e não conseguia mais dormir", contou.

Foram três meses de pesquisa. No princípio eram dez catadores, que se tornaram 40 e hoje Ilse Ana relata conhecer, pelo menos, 50 deles. "Eu os chamo catadores de sonhos porque eles fazem isso o dia inteiro para sobreviver e levam junto com suas carroças, os sonhos deles e da família", ressaltou.

De acordo com Ilse Ana, muitos deles não andam sozinhos, os filhos e as esposas estão juntos. "Quantos de nós deixamos nossos filhos na escola e

fazemos a nossa jornada sozinhos, enquanto eles saem com a família inteira". Logo no início da pesquisa, a artista seguiu alguns dos papéleiros catalogados para ver qual o percurso e a quilometragem percorrida e acabou descobrindo um dos locais onde eles vendem o papel, "quando cheguei lá, conversei com um rapaz que me disse que no sábado é o dia de maior movimento, é o dia que eles mais aparecem para vender o que recolheram".

Quando começou o trabalho, Ilse Ana percebeu que muitos tinham medo que ela os fotografasse, pois pensavam que fosse uma fiscal, "então comecei a dar um retorno para eles. Conversei e disse para eles buscarem as fotos. Assim conquistei um pouco de confiança com eles", ressaltou.

O trabalho será exposto na próxima quinta-feira, dia 25 de maio, na D'Arte Galeria. A exposição poderá ser visitada até o dia 26 de junho.

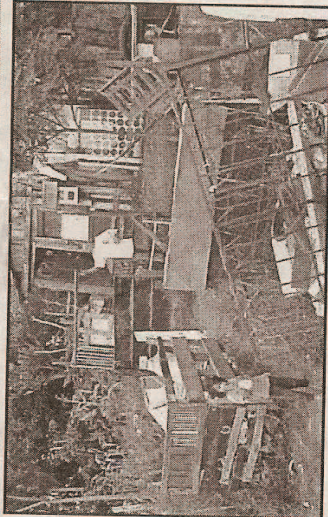


*"Aprendi em tropeços passos que o melhor olhar e o sentir..."*





Em frente à casa, material é separado



Crianças esperam a chegada do pai



Noll lamenta a perda do emprego

## Alternativa

É, eu vivo disso aí: papelão, litrão, é assim que a gente vive". A afirmação é do papelheiro Luis Carlos Noll, 36 anos, morador do bairro Ouro Preto, em Carazinho. Há nove anos esse é seu ofício e o ganha-pão da família de sete pessoas, composta por ele, a esposa e cinco filhos, com idades entre 14 e 3 anos de idade. "Eu trabalhava na Codecar, na reciclagem, fiquei lá três anos e três meses, daí a empresa falhou e eu não encontrei outra alternativa, tive que catar papel. Eu sou um dos primeiros que começou com isso aqui em Carazinho", contou. Na casa, ele é o único que trabalha. Dos cinco filhos, três estão na escola, "os outros ainda são muito pequenos", disse. "Não quero que nenhum dos meus filhos siga esse caminho que eu tive que seguir, por isso eu quero que eles estudem e tenham outro caminho, não quero que sejam que nem eu", ressaltou. Diferente de muitos, Noll não quer permanecer nessa vida, pois já conheceu o emprego, com salário fixo e carteira assinada. Hoje em dia, o que consegue tirar com a venda do que recolhe, chega a R\$ 60 ou

R\$ 70 por mês. Pela moradia não paga nada, mas afirmou gastar cerca de R\$ 30 com despesas de água e luz. Em frente à casa, o depósito. Papéis ficam separados dos plásticos para facilitar a venda. Como o volume é muito grande, com a carroça não dá para subir a ladeira e ir até o comprador, por isso um caminhão passa na sua casa uma vez por semana. "Junto durante a semana e quando chega o sábado, vendo. Não deixo ficar muito tempo aqui na frente da casa. O fiscal já passou e disse que não pode deixar tudo aqui, faz mal para as crianças, porque junta bicho", acrescentou.

### Um sonho: emprego

"Eu fiz acordo lá com a firma. Ela ia à falência. Daí não arrumei mais emprego, me inscrevi num monte de firmas, mas nenhuma me chamou. Então não deu mais, tive que ir para o papel", conta Noll sobre seu único emprego. "Sonho? Trabalhar assim de novo, com salário, car-

## para sustentar a família

teira. Assim meus filhos iam me ver trabalhando de verdade e iam ver que caminho seguir", projetou. "Eu acho que se o prefeito botasse a reciclagem de novo ia ser muito bom. Mas também que desse preferência para quem já trabalha nisso. Tinha que pegar quem mostrasse que já trabalha mesmo nisso de recolher papelão. Tinha que cuidar, porque muita gente ia mentir que trabalha como papelheiro", protestou.

### Solidariedade

Em alguns dias, Noll afirma que não consegue catar quase nada. Por dia, tira cerca de R\$ 3, quando consegue encher o carrinho, mas conta que muitas pessoas ajudam, doam alimentos quando o vêm passar pela rua, fazendo força com o carrinho.

"Tem gente que ajuda, dá pão, pergunta se tem criança em casa e dá roupa e comida para levar, quando vê a gente forcejando com o carrinho pelas ruas".



## Empresa absorve 200 toneladas de papéis e plásticos ao mês

O Comércio de Sucatas Nosh Senhora de Fátima Ltda, é uma das únicas empresas de toda a região, que está devidamente legalizada para compra de papéis e plásticos, além de reciclar para o reaproveitamento das fábricas. A pequena indústria está localizada nas imediações do Trevo da BR 285, e foi criada em 1994. Segundo o sócio-proprietário Edson Lima, a empresa hoje possui cinco funcionários e dá emprego indireto a pelo menos 30 famílias de papapeiros.

"Além disso, acho que estamos dando nossa contribuição para a limpeza das ruas centrais da cidade. Imaginem se todos esses detritos ficassem acumulados pelas calçadas", destaca Lima, revela, que sua empresa absorve 200 toneladas por mês de papéis e plásticos somente em Carazinho, porém a matéria-prima caiu bastante nos últimos dois meses, em torno de 25%. "Eu acho que isso também é um reflexo da crise econômica e do comércio vende menos. A alta taxa de desemprego tem contribuído bastante para o aumento do mercado de catadores", explica. Como a matéria-prima está diminuindo na cidade, a empresa cara-



**Material após fardado, segue para outros municípios e até fora do Estado**

zinhense já está comprando papéis e plásticos de outros 15 municípios do Estado.

### Como é feita a industrialização

Depois que os catadores chegam com o carregamento, os produtos são separados, pesados e classificados. Segundo Lima, depois de enfardados, o papelão vai para uma fábrica de embalagens; a sacataria de cimento, tem outro desti-

no, pois é, vendido para Santa Catarina, onde é feita matéria-prima para as indústrias de calçados de Novo Hamburgo, retornando assim para o Rio Grande. Já os jornais, revistas e o papel branco, de acordo com o empresário, são vendidos para fábricas de papel higiênico e de guardanapos. O litro de refrigerante 'pet' vai para uma fábrica de Montauri, no RS, onde após moído, segue para outra indústria. O plástico liso, de baixa densidade, é vendido para uma empresa de Videira (SC), que faz sacolinhas para mercados.

### A ampliação do negócio

A empresa está investindo mais no ramo e até já construiu um pavilhão de 625 metros quadrados, que falta apenas o piso. "Queremos no mínimo duplicar a produção. Vamos colocar mais três prensas hidráulicas e contratar pelo menos mais cinco ou seis funcionários fixos. Com isso, poderemos oportunizar trabalho indireto também a mais papapeiros". Lima lamenta a falta de programas sociais de incentivo aos catadores. Explica que o único incentivo que pode dar é no preço, mas isso depende das fabri-

## A papadeira chefe de família

Cerca de um real e cinquenta centavos por dia é o que consegue Carmelita Fátima Santos dos Santos, 43 anos, moradora do bairro Fey, papadeira há seis anos. A história não muda muito: é seu trabalho como catadora de papel que sustenta uma família de seis pessoas. O marido, segundo ela, está doente. Além dele, o dinheiro que consegue sustenta dois sobrinhos, o filho e o enteado.

"Assim vai se levando a vida. Fazer o que? Os filhos querem comer, serviço a gente não encontra, então tem que pegar papel", justificou-se. Para garantir o pão de cada dia, Carmelita acordou cedo, antes das sete da manhã já está na rua,

pois só pode catar papelão até o meio-dia. Nesse horário precisa voltar para casa, preparar o almoço e mandar o filho e um sobrinho para a escola. "O meu estudo na Apae e ainda por cima não ganha o Bolsa-Escola, porque aluno da

Apae não pode ganhar esse benefício", ressaltou.

Emprego já teve alguns, mas sempre que ficava, sem, a solução era o papel. "Diz que o governo tinha mandado dinheiro para a pobreza, mas eles deram para quem não trabalha, para a gente que vive desse serviço, forçando o dia inteiro, nada", reclamou. Além disso, Carmelita diz que o papel está ficando raro, muitas empresas já não doam, "as lojas também estão vendendo papel. É difícil a loja que te dá o que tem. Andei por tudo aqui e consegui só essas duas caixinhas. Hoje não sei, acho que vai dar só uns 80 centavos", disse desanimada.



FOTOS: DM

**Carmelita lamenta o pouco papel que conseguiu naquele dia**

## Acúmulo de papéis pode causar danos para saúde

Além de uma questão social, os papapeiros estão sujeitos a diversos problemas de saúde. Dores do corpo, na cabeça e resfriados são alguns dos primeiros males que acometem estas pessoas, expostas às mais diversas condições do clima. Porém, o principal problema pode estar escondido em meio aos papéis e plásticos: as bactérias. "Mesmo sendo lixo seco, contém bactérias, que podem ser patogênicas, que causam doenças", alertou Claudir

Cardozo, ambientalista e professor de Biologia. "Além disso podem juntar animais nocivos à saúde, como ratos e baratas", completou.

Uma observação do professor diz respeito à proteção, "quando vejo os papapeiros, observo que eles não se protegem com o uso de luvas ou outro material de segurança. Eles abrem sacolas de lixo, catam o material sem nenhuma proteção para as mãos", ressaltou. A formação de uma cooperativa

é a solução apontada por Cardozo para minimizar o problema e conseguir mais lucros para os papapeiros. "Mas a organização deveria ser própria deles, poderia haver um órgão ajudando, como a prefeitura, na cedência de um galpão, por exemplo, mas sem interferir", projetou. Para ele, a cooperativa deveria partir da união dos papapeiros e não de terceiros, "assim eles correriam menos risco de serem explorados", explicou.



Nas Dobras da História:



# O desafio

dos **Direitos da Criança** e do  
**Adolescente** na construção  
da cidadania para o século XXI



**Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sheila Kocourek**



## INTRODUÇÃO

O quadro os “Raios de Sol”, que abrem esta obra, representam, em certa medida, toda a população de crianças e adolescentes brasileiras. Não apenas por representar o segmento populacional que está em estudo, mas também por fazer parte da Série “Catadores de Sonhos” e por ser de autoria da artista plástica carazinhense Ilse Ana Piva Paim.

As três dimensões que estamos dando ênfase, é que dão contornos ao nosso estudo e análise, referenciado pela dialética hegeliana: de forma mais ampla estaremos discutindo aqui a possibilidade da efetivação da cidadania, estudada do ponto de vista da infância e juventude a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente. Também lançamos luz ao contingente, ou seja, o contexto cuja pesquisa foi realizada, Conselho Municipal dos Direitos, compreendendo-o como um espaço onde os Catadores de Sonhos, de uma sociedade melhor e mais justa, estão reunidos. Por fim, a artista carazinhense foi cuidadosamente escolhida por expressar em suas obras o espírito do povo local, traduzindo o palco de possibilidades no qual a população de Carazinho – RS está imersa.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, apresenta-se como espaço de modificação do direito do da criança e do adolescente no Brasil, de onde se prevê a proteção em detrimento à mera reparação e controle, separando, assim, os processos jurídicos dos de assistência social. Ao introduzir a noção de sujeitos de direitos torna a população infanto-juvenil reconhecidamente ci-

## Agradecimentos

---

Mendes que sempre acompanhou meu processo “dramático” de doutoramento, agradeço por sua disponibilidade, amizade e compreensão, a você minha admiração e carinho;

A respeitosa artista plástica Ilse Ana Piva Paim, uma militante no campo social, sensível as diferentes formas e desenhos que as expressões da questão social tomam, agradeço pela gentileza de ter cedido a imagem da obra “Raios de Sol” que integra a Série Catadores de Sonhos, mas também pelas inúmeras discussões e interpretações do “espírito do povo” carazinhense;

Agradeço a CAPES, que me possibilitou a realização do Doutorado através da concessão de bolsa parcial de estudo;

Agradeço a todos os Conselheiros do COMDICACAR, membros da Rede Legal, espaços nos quais tive significativas experiências e aprendizado, marcando de forma determinante minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal;

Agradeço ainda a todos meus amigos, parceiros, companheiros, conhecidos, e desconhecidos, que de uma forma ou outra contribuíram para a construção desta obra, emprestando material, indicando bibliografia, mas também aqueles que foram pacientes e compreenderam minhas ausências, meu mau-humor, cansaço e agora compartilham a honra de ler este livro, que anteriormente era a minha tese de doutorado.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil possuía 61 milhões de crianças e adolescentes, gente entre zero e 18 anos de idade. Cerca de um terço desse total – 27,4 milhões, segundo dados do IBGE do censo de 2003. São meninas e meninos pobres, crianças e adolescentes que vivem em famílias com renda per capita mensal igual ou menor a R\$ 120,00. Ou seja, sobrevivem com R\$ 4,00 por dia para morar, comer, vestir, deslocar-se, estudar, brincar. A situação de pobreza a qual essas crianças estão submetidas é, quase sempre, um fenômeno que passa de geração à geração. Essas meninas e meninos são, quase todos, filhos de mães e pais que também foram pobres na infância e hoje são adultos com baixa renda.

A imagem que invocamos no início desta tese, revela um pouco destes liames, no qual há um tipo de perpetuação da exclusão das condições mínimas de sobrevivência de uma parcela da população. Ao revelar o drama de constituição da cidadania no Brasil identificamos que o exercício de certos direitos como liberdade de pensamento e voto, não garantem necessariamente direitos sociais como emprego, moradia e ao aprofundar nosso estudo, entendendo que cidadania também inclui participação da população nos processos decisórios, encontramos um segmento populacional ainda maior completamente alijado deste processo.

O que verificamos, a partir do resgate histórico do contexto inicial de colonização do Brasil, é que tivemos a composição de um cenário muito particular em relação a outros países da América Latina, e neste sentido, observamos que a realidade do país aponta singularidades importantes na constituição efetiva dos direitos. Nesta perspectiva, foi importante compreender a organização social, econômica e política, especialmente do ponto de



**ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL  
ARTHUR MILTON ARNOLD**

RUA JULIO ROSA TEIXEIRA, 387 BAIRRO SANTA TEREZINHA  
FONE 54 3329 2066

ATESTADO N. 69/ 2010

Atestamos para os devidos fins que *ILSE ANA PIVA PALM* esteve nesta Instituição de Ensino ministrando palestra aos pais, professores, comunidade escolar e convidados sobre a série "Catadores de sonhos", a qual está sendo trabalhada pela escola em seu projeto anual "Reciclar, cuidar e preservar o meio em que vivemos".

Data: 15/06/2010

Carga horária: 4h

Realização: EMEI Arthur Milton Arnold

Carazinho, 15 de junho de 2010.

*M. Oliveira*  
Marilisa Rosi Oliveira  
Diretora  
Ret. 030/2009.

**ANEXO N – Desfile 07 de setembro**





**P143c Paim, Ilse Ana Piva**

Catadores de sonhos : uma abordagem educativa sensível / Ilse Ana Piva Paim. – 2010.

104 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2010.

Orientadora: Profa. Dra. Graciela René Ormezzano.

1. Artes visuais. 2. Imagens – Interpretação. 3. Arte – Emoções. 4. Educação – Estética. 5. Arte na educação.  
I. Ormezzano, Graciela René, orientadora. II. Título.

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364